



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**Discursos de Crianças em produções midiáticas em
Escola Pública de Educação Infantil**

Débora Collares do Nascimento

Rio de Janeiro

Julho/2011

Débora Collares do Nascimento

**Discursos de Crianças em produções midiáticas em
Escola Pública de Educação Infantil**

Monografia como requisito para obtenção
de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Drª Guaracira Gouvea

**Rio de Janeiro
Julho/2011**

Dedico este trabalho as crianças da Faetec, as professoras implementadoras, que me auxiliaram em todo o processo da pesquisa e a minha orientadora Guaracira Gouvea, me dando todo o suporte necessário para desenvolver este trabalho.

RESUMO

NASCIMENTO, Débora Collares. **Discursos de Crianças em produções midiáticas de uma Escola Pública de Educação Infantil**; Professora orientadora: Guaracira Gouvea; Rio de JANEIRO: UNIRIO 2011, 67 fl, Monografia.

Esse trabalho foi elaborado a partir da minha participação no projeto '**TV CRIANÇA – professores e crianças, sujeitos de direitos**', financiado pela FAPERJ, pautado na compreensão do que seja cultura e de nossa forma de conceber a criança. Sendo assim apresentarei, os conceitos de criança, infância, cultura infantil, Educação Infantil e a relação da criança com a TV. Na metodologia, apresento o delineamento da pesquisa, a coleta de dados e descrevo algumas das atividades observadas que foram proposta pelo projeto '**TV CRIANÇA = professores e crianças, Sujeitos de direitos**', em seguida apresento as análises destas, nas quais busco notar as marcas de sua cultura e seus modos de relação com a mídia televisiva.

Palavras - chaves: Criança, Cultura Infantil e TV

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
1.1 Caracterização da organização e seu ambiente.....	1
1.2 Objetivos.....	2
1.3 Por que produzir programas televisivos com crianças?.....	2
2.CRIANÇA, INFÂNCIA E CULTURA INFANTIL: ALGUMAS CONCEPÇÕES.....	9
2.1 Educação Infantil: Seu histórico e sua importância.....	12
2.3 Criança e TV: Relação, interação e apropriação.....	13
3. A PRODUÇÃO MUDIÁTICA INFANTIL.....	17
3.1 Descrição e Comentários das Fases de Produção.....	18
3.2 Descrição das Turmas Observadas.....	29
3.3 Análise dos dados coletados	
4.CONSIDERAÇÕES	40
REFERÊNCIAS.....	42
Apêndice I	44
Apêndice II	46

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi elaborado a partir da minha participação no projeto 'TV CRIANÇA – professores e crianças, sujeitos de direitos', financiado pela FAPERJ, pautado na compreensão do que seja cultura e de nossa forma de conceber a criança.

O projeto 'TV CRIANÇA – professores e crianças, sujeitos de direitos' tratou-se de uma parceria entre a Universidade e a Escola Pública, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e a Escola Estadual de Ensino Fundamental República / Segmento da Educação Infantil da Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC (EEEF República/Ed. Infantil), em conformidade com o edital FAPERJ/10/2007 – *Apoio à melhoria do ensino nas Escolas Públicas do Estado do Rio de Janeiro*.

Para compreendermos melhor o objeto deste estudo – discursos produzidas por crianças em produções de programas televisivos - , faz-se necessário apresentarmos alguns conceitos. Sendo assim apresentarei, no primeiro capítulo, os conceitos de criança, infância, cultura infantil, Educação Infantil e a relação da criança com a TV, baseado nos autores lidos ao longo desses dois semestres,

Na metodologia, que se constituiu no segundo capítulo, apresento o delineamento da pesquisa, a coleta de dados e descrevo algumas das atividades observadas que foram proposta pelo projeto 'TV CRIANÇA – professores e crianças, Sujeitos de direitos', em seguida apresento as análises destas, nas quais busco notar as marcas de sua cultura e seus modos de relação com a mídia televisiva. Este conjunto forma o terceiro capítulo e por ultimo traço minhas considerações acerca do estudo desenvolvido

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E SEU AMBIENTE

Os sujeitos da pesquisa foram as crianças da educação infantil da FAETEC localizada no bairro de Quintino e o ambiente da pesquisa foi a escola, em especial a sala de mídias, montada a partir desse projeto.

A proposta do projeto de pesquisa era criar um ambiente que favorecesse a produção midiática de crianças da educação infantil, para podermos conhecer e entender as formas que elas se relacionam com a mídia televisiva. Diante disto foi necessário organizar um espaço multimídia com

todas as tecnologias disponíveis para a linguagem televisiva. Esse espaço constituiu-se como uma produtora de televisão, e foi denominada TV Criança, porque foram as crianças os autores de todas as produções. No apêndice I, encontra-se uma tabela descrevendo as atividades realizadas pelo projeto que resultaram na produção de 8 programas produzidos com as crianças da escola citada.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar as atividades realizadas no projeto 'TV CRIANÇA – professores e crianças, Sujeitos de direitos', buscando identificar as marcas da cultura infantil nas produções midiáticas e os modos que as crianças se relacionam com a mídia televisiva, como se apropriam desta.

1.3 POR QUE PRODUZIR PROGRAMAS TELEVISIVOS COM CRIANÇAS?

A forma de pensar a criança em suas relações sociais vem sofrendo transformações, desde o final do século XIX, tanto por pesquisadores, que escolhem a criança como tema de estudo, bem como para as políticas voltadas para a infância. Segundo Kappel (2007), a educação em creches e pré-escolas públicas para as crianças brasileiras está garantida na legislação brasileira – Plano Nacional de Educação (2001) e recursos estão previstos pela ampliação do alcance do FUNDEB = Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e da valorização do Magistério. Ainda segundo esta autora, este plano estabeleceu que em cinco anos 60% das crianças de 4 a 6 anos ou de 4 a 5 anos deveriam estar atendidas pela educação infantil e que ao final da década – 2010 deveríamos ter alcançado 80% das crianças dessa faixa etária. Somente a região sudeste apresenta condições de ter cumprido o estabelecido.

Desta forma, o Brasil precisa se empenhar no sentido de cumprir as metas estabelecidas pelos organismos internacionais e ainda investir na formação inicial e continuada de professores para este nível de educação, considerando as formas contemporâneas de pensar a criança e as práticas educativas na infância.

Neste contexto é que se insere este trabalho, que tem sua gênese em uma questão, que é a relação da criança com a mídia e como essa relação influencia, e se influencia de fato, a sua produção cultural.

Analisando a sociedade contemporânea, onde se encontram as crianças e os adultos, deparamo-nos com o consumismo desenfreado. Por isso, não raro, ela ser chamada de sociedade do consumo.

É fato que o capitalismo conseguiu, ao longo do final do recente século XX, uma consolidação mundial de tal forma que, com a globalização, temos hoje um panorama cada vez mais promissor para o comércio. Isto porque o lucro ainda é o fim de todas as iniciativas. Atualmente, a necessidade de se construir fábricas cedeu lugar à necessidade de se criar mais e maiores mercados consumidores. Com as novas tecnologias, os meios de produção conseguiram ampliar a quantidade de produtos e diminuir ainda mais o tempo e o custo da produção. Já não são necessárias fábricas em escalas gigantescas, com milhares de empregados, como no início da Revolução Industrial. Podemos dizer que a Revolução Tecnológica voltou seu olhar para os mercados. Se a produção dos bens ficou mais barata e rápida, e a quantidade produzida é inúmeras vezes maior, fez-se necessário no final do século passado a criação de novos mercados consumidores para os inúmeros produtos. Como PEREIRA afirma: " O sistema já não precisa tanto do trabalhador, mas não pode prescindir do consumidor" (2000, p.3).

Nesse processo de criar mercados consumidores cada vez maiores, desenvolveram-se a publicidade e o marketing como uma resposta ao objetivo de aumentar cada vez mais o consumo dos produtos.

Para KOTLER, o " marketing significa a atividade humana que ocorre em relação a mercados. Marketing significa trabalhar com mercados para realizar trocas potenciais para o propósito de satisfazer a necessidades e desejos humanos" (1996, p. 29).

Juntas, através de estratégias minuciosamente articuladas e planejadas, essas duas áreas acabaram por desenvolver um "modelo de vida uniforme", como escreveu TOSCANI, o qual é ansiado por todos e visivelmente difícil de ser atingido:

A publicidade não vende produtos nem idéias, mas um modelo falsificado e hipnótico da felicidade. Essa ambiência ociosa e agradável não é mais do que o prazer de viver segundo as normas idealizadas dos consumidores ricos. É preciso seduzir o grande público com um modelo de existência cujo padrão exige uma renovação constante do guarda-roupa, dos móveis, televisão, carro, eletrodomésticos, brinquedos das crianças, todos os objetos do dia-a-dia. Mesmo que não sejam verdadeiramente úteis. (1996, p. 27) A publicidade nos ensina como nos comportar na sociedade de consumo. Ela propõe um modelo social: compro,

logo sou. Quanto mais nos aproximarmos do modelo, mais encamaremos a suma do êxito moderno. (1996, p. 168)

Essa busca desenfreada por mercados, ou consumidores fez com que novas necessidades fossem inseridas na sociedade. As necessidades básicas e inerentes da vida humana se transformaram. Se antes, basicamente, necessitávamos de comida, roupa e abrigo, hoje precisamos de grifes e de marcas, de entretenimento, além de acompanharmos a velocidade com que os produtos são substituídos por novas versões, o que acaba por tornar quase tudo o que consumimos descartável e transitório. "... o homem cada vez mais se afasta de suas necessidades essenciais em troca de necessidades fabricadas pela sociedade do consumo." (SOUZA, 1994, p. 157).

Essas necessidades criadas e vendidas pelo marketing e pela propaganda acabaram por transformar tudo – até mesmo a cultura – em produtos (PEREIRA, 2000, p. 02), a serem comercializados, o que faz Adorno ser bem atual em suas definições da indústria cultural.

O interessante é que as pessoas que integram a sociedade do consumo ou consumidores, parecem ter conhecimento do "modelo de vida uniforme" que a publicidade e o marketing criaram, mas mesmo assim a maioria ainda opta por seguí-lo, apesar de críticas contundentes feitas por pensadores de várias áreas, e até mesmo da publicidade, como o próprio TOSCANI exemplifica. Isso ocorre porque mesmo apesar dessa consciência "cada um quer ser igual aos outros no consumir, no ser feliz, no ser livre, pois essa é a ordem a que inconscientemente todos obedecem, sob pena de se sentirem infelizes por serem diferentes. A subjetividade capitalista subjuga o desejo de singularizar; a diferença hoje é considerada um delito" (JOBIM E SOUZA, 1994, p. 157). Isto nos aponta o exato lugar da criança nessa sociedade.

Podemos relembrar a análise anterior, e afirmar que a criança sofre uma grande influência da sociedade sim, mas ao mesmo tempo também a influencia. "É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca".

Por "marca" entendemos o meio pelo qual a criança interage na sociedade. A "marca" é a cultura, no sentido que MORIN lhe confere.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é

singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (2004, p.56).

Analisando a presença da cultura na sociedade do consumo, vemos que ela se mostra a favor da massificação, contribuindo inclusive nesse movimento.

Ora, no mundo atual, regido pelas transformações tecnológicas e pela civilização industrial do consumo, predomina uma forte tendência à homogeneização da experiência sensível, que dessa forma vai sendo solapada e aniquilada desde muito cedo. A cultura monolítica de massa, que padroniza e enrijece as formas cotidianas de relacionamento entre os homens, é responsável pelo vertiginoso empobrecimento da experiência humana, impedindo as pessoas de romper com seus impasses repetitivos e de recompor uma visão ético-estética do cotidiano. (JOBIM E SOUZA, 1994, p.153)

Quando pensamos na criança em meio a essa realidade sócio-cultural, destacamos primeiramente a padronização das formas cotidianas, que inevitavelmente influencia o olhar dos adultos sobre as crianças. Esse olhar, nos primórdios da sociedade do consumo, tendeu a ver a criança como um futuro consumidor em potencial.

Assistimos ao seu desenvolvimento e a necessidade crescente de novos mercados, em que a criança passou a ser vista apenas como consumidora, tal qual os adultos. Dessa forma, um mesmo produto passou a ser direcionado a qualquer faixa etária, ampliando o mercado como planejado.

Adultos e crianças são tão-só consumidores. É a homogeneização dos desejos, fazendo com que sujeitos de "condições sócio-econômicas [e acrescento de idades] diversas, tenham por referência os mesmos padrões de consumo"(PEREIRA, 2000, p. 5).

A "marca" impressa na criança pela sociedade é a de cliente.

O lugar que o mercado reservou para a criança tem sua história intimamente ligada aos novos reordenamentos das relações entre adultos e crianças. Olhada inicialmente como filho de cliente que se relacionava com o mercado a partir do uso de bens materiais e culturais que se ofereciam a ela à margem da sua opinião, a criança é elevada ao status de cliente, isto é, um sujeito que compra, gasta, consome e, sobretudo, é muito exigente. A conquista desse mercado destinado à infância, diz Capparelli (1996), acarreta novos modos de ser e de viver a infância: desejar, possuir, relacionar-se com o dinheiro, gastar e saborear o poder de saber-se peça fundamental das estratégias de marketing. (PEREIRA, 2000, p. 9)

Mas a criança também imprime sua "marca" na sociedade, em um movimento que JOBIM E SOUZA definiram como "reelaboração criativa".

Mas se em seus jogos as crianças reproduzem muito daquilo que experimentam na vida diária, as atividades infantis não se esgotam na mera reprodução. Isso porque as crianças não se

limitam apenas a recordar e reviver experiências passadas quando brincam, mas as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas possibilidades de interpretação e representação do real, de acordo com suas afeições, suas necessidades, seus desejos e suas paixões. (1994, p.148)

A brincadeira e o lúdico, tão presentes no ser criança, possibilitam-na a capacidade de não ser totalmente imersa na cultura massificante da sociedade do consumo. A criança "participa da construção da história e da cultura de seu tempo" (JOBIM E SOUZA, 1994, p. 159).

Elas não se limitam a "apenas recordar e reviver", não fazem "mera reprodução" como bem atentou JOBIM E SOUZA. Porque as relações delas com as marcas/cultura se dão nesses dois níveis, e nos dois acontecem produções, criações por parte da criança.

Como Benjamim (1984) nos conta, as crianças executam correções nos brinquedos remontando-os, atribuindo funções diferenciadas para os quais foram pensados pelos adultos. Juntam pedaços de madeiras, papéis, plásticos, ossos e constroem personagens, simulam situações de guerra, de escola, de fazenda, de cidades. "Ao inventar estórias, as crianças são cenógrafos que não se deixam censurar pelo sentido." (1984, p. 55). Ao receber a marca/cultura, ela a consome e a reproduz. Mas com sua capacidade criadora, a criança deixa o lugar de consumidora e passa a assumir a posição de usuária da cultura.

Essa concepção foi definida por Certau (1994, p.38). Nela, os consumidores, mesmo estando em aparente posição unicamente receptiva, acabam sempre por fazer alguma "fabricação" diante das informações consumidas. Eles se tornam usuários, pois através das informações constroem interiormente, novos conceitos, criações e releituras suas. Modificando e subvertendo o que lhes foi imposto.

As crianças de nosso mundo contemporâneo, de qualquer estratificação social, vivem em um mundo cultural, constituído por diversas manifestações. Escutam cantos, recitações, histórias, ouvem rádio, empinam pipas, assistem à televisão, jogam no computador, navegam na *Internet*. Desse mundo cultural é que elas trazem suas categorias interpretativas. Essas categorias lhes dão capacidade para fabular.

Podemos compreender esse processo também como produção cultural, da mesma forma como denominamos as criações exteriorizadas pelas crianças de

forma mais explícita, em seu cotidiano. Elas marcam e deixam marcas, definitivamente.

Ao retornamos ao entendimento que Morin confere à cultura, estabelecemos que uma das culturas que compõem a cultura contemporânea, é a cultura midiática, sobretudo a televisiva.

Essa percepção da cultura midiática remete-nos ao termo que é quase um chavão atualmente: "impacto das novas tecnologias". Hoje "... fala-se muitas vezes no 'impacto' das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. A tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil?) e a cultura e a sociedade a um alvo vivo..." (LÉVY, 2000, p. 21).

Não compartilhamos desse pensamento. Assim como Lévy, vemos a mídia e as tecnologias de informação como produtos sociais.

Remetendo-nos ao foco do trabalho, podemos afirmar que conceber a mídia como parte da cultura implica reconhecermos a necessidade emergente de inclusão das crianças de 4 a 6 anos nesse contexto, garantindo-lhe um direito que lhe assiste, pois para desenvolver a criança de forma plena é preciso considerar, entre outros aspectos, sua afetividade, suas percepções, suas formas de expressar-se, seus sentidos, suas críticas, sua criatividade. Para tanto é fundamental explorar com ela diferentes linguagens (escrita, sonora, dramática, corporal, cinematográfica, televisiva, digital...). Negar o acesso às mídias, sobretudo à produção de mídias, é o mesmo que lhes negar o acesso à cultura.

Remetendo-nos à nossa realidade, conceber as crianças de 4 a 6 anos, alunos da escola pública, como sujeitos de direitos, é um compromisso para garantir-lhe, antes de mais nada, o acesso à cultura. Cultura essa que possibilitará essas crianças, passarem pelos processos de criação, formando-se e formando os que com ela compartilham o convívio.

Na verdade, é do que todos os pedagogos sempre falaram sem dar conseqüências ao que repetiam: ampliar ao máximo o universo cultural dos alunos. Ampliar ao máximo é abrir ao máximo, não é fechar, não é ficar reduzido a programas ou a conteúdos mínimos ou a parâmetros curriculares nacionais. O que nós defendemos é que se abra ao máximo para todos, não para homogeneizar, mas para que as possibilidades de escolhas se ampliem, para que as diferenças apareçam em sua plenitude - uns têm um interesse maior por música, outros têm uma sensibilidade maior para o teatro, outros têm uma tendência maior para as artes plásticas. Mas só se todos tiverem o direito de acesso a essas diferentes linguagens - coisa que historicamente a escola não oferece - poderão saber escolher a linguagem com a qual têm mais afinidade a partir das experiências que possam ter tido com

as diferentes linguagens postas na sociedade. E se a escola não abre essa possibilidade, o acesso fica limitado ao que as famílias podem oferecer. E, mais uma vez, os que nascem com todos os privilégios têm todas as oportunidades de acesso às diferentes linguagens, de revelar talentos, de desenvolver a sensibilidade, de se preparar para viver plenamente a vida, pessoal e profissionalmente. (ESTEBAN & ZACCUR, 2002, p.113)

O "abrir para todos" significa para nós que as crianças da educação infantil devem ter o mesmo acesso à cultura, sobretudo a cultura midiática. Para que possam ter a mesma oportunidade de "fabricar", de fabular e ser capazes de influenciar e transformar a sociedade na qual estão inseridas.

Garantindo-lhes o acesso às mídias e a produção midiática no ambiente escolar da educação infantil, poderemos investigar a principal questão de que trata a pesquisa. É a de oferecer condições para que as crianças de 4 a 6 anos sejam autoras de mídia televisiva, escolhida por ser a linguagem midiática que possibilita recorrer a diversas linguagens (oral, musical, corporal, entre outras) e incentiva o uso de recursos cênicos, de iluminação e de tecnologias digitais. Assim, as crianças irão se familiarizar com múltiplos recursos, desenvolvendo sua sensibilidade estética, sua linguagem oral, formas de convívio e possibilidades de autoria

Nosso olhar estará voltado para a produção discursiva das crianças nos momentos da produção de programas televisivos e para o discurso contido nesses programas. Buscamos observar que marcas culturais estão presentes nesses dois momentos

Dessa forma, garantimos à criança acesso às tecnologias de informação e comunicação e valorizamos o seu espaço de autoria e a sua produção cultural.

2. CRIANÇA, INFÂNCIA E CULTURA INFANTIL: ALGUMAS CONCEPÇÕES

As crianças desempenham, em diversos contextos, papéis diferentes na sociedade moderna, sabemos que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente. "Demorou muito tempo até que se desse conta que crianças não são homens e mulheres em dimensões reduzida." (BENJAMIM, 1984, p.86). As formas de organização da sociedade serão as responsáveis por inserir e designar os papéis das crianças nesta sociedade.

Quando dizemos conceber a criança como um ser histórico e um sujeito de direitos, fica implícito reconhecemos que ela ao mesmo tempo em que influencia o seu meio também é influenciada por ele, e nesse momento ela passa a ser tanto quanto os adultos, agentes criadores da história, com todos os seus processos, ora simples, ora complexos, em sua trajetória heterogênea.

A compreensão da criança como sujeito histórico exige entender o processo histórico como muito mais complexo do que uma equação do primeiro grau, em que duas variáveis de estrutura explicariam tudo o mais. (KUHLMANN JUNIOR, 2004, p. 32)

Ao refletirmos mais sobre essa visão, percebemos que a história produzida não será, necessariamente, uma trajetória linear. A produção humana nos tem mostrado, justamente o oposto. Caminhamos trajetórias históricas sinuosas, onde várias concepções do mundo convivem ao mesmo tempo. Pensando na criança, observamos que embora haja uma consonância da visão histórica sobre ela, ainda ecoam as visões anteriores (ARIÉS, 1984) do adulto em miniatura, do ser invisível aos olhos adultos. É preciso que as crianças tenham, assim como os adultos, acesso às formas mais significativas de expressão dentro da sociedade na qual ambos estão inseridos, para interagir na escrita da história contemporânea. Em outras palavras, as crianças têm o direito de utilizar os meios mais significativos de expressão, ou linguagens, para produzirem cultura.

Segundo Áries (1984) a idéia de infância surgiu no contexto histórico, social e cultural da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais. Assim, essa idéia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e de

dependência do adulto, sendo que é preciso levar em consideração a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos.

Diante disto o conceito de infância, e o seu papel e posição na sociedade, tem variado ao longo das gerações, apresentando tendências. Estas mudanças de perspectiva da infância, bem como as pesquisas realizadas nesta área, têm sugerido diferentes pontos de vista e focos de estudo sobre o desenvolvimento das crianças no contexto de creche e pré-escola.

Sabemos que a infância muda e se forma de acordo com a cultura em que está inserida, e que sendo assim, a forma como lida com o conhecimento é cultural. A criança é produtora de cultura, é ativa e interage de diferentes maneiras com o que vê. As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. Um pedaço de madeira vira um barco, um carrinho, um avião, uma nave espacial. Aprendemos assim com as crianças, que é possível mudar o rumo estabelecido das coisas.

A criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como faz com retalhos de tecidos e material de construção. Ela constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre elementos do seu mundo. (BENJAMIM, 1984, p.58).

A produção cultural da criança é vista segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil :

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (BRASIL, 1998, vol. I, p.21)

Produtora de história, a criança dá sentido ao mundo, é colecionadora em sua tentativa de descobrir e conhecer este. Ainda, atua sobre os objetos e os liberta de sua obrigação de serem úteis. Como colecionador, a criança busca, perde, encontra, separa os objetos de seus contextos, vai juntando figurinhas, chapinhas, pedaços de lápis, borrachas antigas, pedaço de brinquedos, lembranças, presentes, fotografias. (KRAMER, 1998)

As crianças de nosso mundo contemporâneo, de qualquer estratificação social, vivem em um mundo cultural, constituído por diversas manifestações. Escutam cantos, recitações, histórias, ouvem rádio, empinam pipas, assistem à televisão, jogam no computador, navegam na Internet. Desse mundo cultural é que elas trazem suas categorias interpretativas. Essas categorias lhes dão capacidade para fabular.

Podemos compreender esse processo também como produção cultural, da mesma forma como denominamos as criações exteriorizadas pelas crianças de forma mais explícita, em seu cotidiano.

Estabelecendo uma relação crítica com a tradição, as crianças subvertem a ordem. Olhando o mundo a partir dos olhos delas revelam-se contradições e novas maneiras de ver a realidade. Atuar com as crianças com esse olhar significa agir com a própria condição humana, com a história humana.

A criança tem sido vista em uma perspectiva que a diferencia do adulto = um ser em falta, imaturo, alguém que depende de decisões alheias = alguém que precisa adquirir o conhecimento que foi legitimado por outros mais velhos e inteligentes, alguém cujos modos de ser e estar no mundo podem ser revelados através dos métodos científicos de experimentação e observação.

A infância constitui a diferença a partir da qual os adultos definem-se a si mesmos. É um tempo de inocência, um tempo que se reporta a um mundo de fantasia no qual as realidades dolorosas e as coerções sociais da cultura adulta não mais existem. A infância tem menos a ver com as experiências que as crianças vivem (porque também elas estão sujeitas às ameaças de nosso mundo social) do que com aquilo em que os adultos desejam acreditar.

A compreensão de que as crianças pequenas são atores sociais plenos, requer o reconhecimento (entre outros aspectos) da sua capacidade de produção simbólica e da organização de suas representações enquanto culturas infantis. No entanto, estas culturas mesmo sendo consolidadas nos mundos de vida das crianças, não são construídas a partir de um universo simbólico exclusivo da infância. Assim, podemos afirmar que as crianças incorporam na sua cultura específica fatores da cultura presente na sociedade, a qual hoje percebemos completamente relacionada com a mídia.

Assim, os significados atribuídos à infância são o resultado de um processo de construção social, dependem de um conjunto de possibilidades

que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em incessante transformação. Não resultam, como querem alguns, de um processo de evolução, nem estão acima e à parte das divisões sociais, sexuais, raciais, étnicas. São modelados no interior de relações de poder e representam interesses manifestos da Igreja, do Estado, da Sociedade Civil... Implicam em intervenções da religião, da medicina, da psicologia, do serviço social, das famílias, da pedagogia, da mídia. Contudo, tais significados não são estáveis nem únicos e as linguagens que usamos, ao mudar constantemente, são indicativas da fluidez e da mutabilidade a que estão sujeitos. (ARIÉS, 1984)

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: SEU HISTÓRICO E SUA IMPORTÂNCIA

Devido a transformações sociais, econômicas e políticas que ocorrem na Europa, a partir do século XVIII as crianças começaram a ser diferenciadas dos adultos e passaram ter tratamentos específicos para elas. Mas o atendimento a crianças de 0 a 6 anos, não era visto como atividades de natureza educacional e sim de caráter predominantemente e exclusivamente assistencial. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função principal a guarda das crianças.

No século XIX, houve uma mudança na função atribuída à pré-escola, onde essa passou a ter uma idéia relacionada à educação, mas não deixando de lado o caráter assistencialista que ainda predominava. A intenção era suprir as carências culturais e lingüísticas das crianças, dando ênfase assim a uma função preparatória, com intuito de minimizar o futuro fracasso escolar.

Essa foi a concepção de pré-escola que chegou ao nosso país na década de 1970, e em 11 de agosto de 1971 foi dado o primeiro passo para que futuramente esse caráter assistencialista pudesse ser mudado, assim passando a ter um maior caráter educativo. O Estado/Poder Público passou a possuir obrigação de velar pela educação das crianças dessa faixa etária. A lei n.º 5692/71 traz como objetivo fixar diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências, integrando ao Capítulo II, Art. 19 § 2º a seguinte norma: "Os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes.". Com isso os sistemas de ensino ficaram responsáveis por regulamentar a educação nessa faixa etária,

trazendo como consequência uma diversidade de normas educacionais, já que não possuíam diretrizes nacionais para educação pré-escolar. As diretrizes nacionais para educação pré-escolar só foram estabelecidas em 1996 com a atual LDB, a lei n° 9394/96.

Essa idéia de uma "pré-escola preparatória" é por acreditar que a família não conseguiria dar às crianças condições para o seu bom desempenho na escola. A pré-escola, dentro desta visão, portanto serviria para suprir essa deficiência, proporcionando então a igualdade de chances a todas as crianças, garantindo seu bom desempenho escolar.

Com a Constituição de 1988, as creches e pré-escolas passaram a ser instituições educativas. O Art. 208, IV traz "o dever do Estado com a educação mediante a garantia de: atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade."

Assim, a visão assistencialista vai ficando de lado dando mais espaço para uma visão educacional, e "pré-escola preparatória" também aos poucos é deixada para trás, passando a dar importância a outros tipos de atividades, onde enriqueçam as experiências infantis e possuam um significado para a vida das crianças, elas podem favorecer o processo de alfabetização, quer em relação ao reconhecimento e representação dos objetos e das suas vivências, quer em relação à expressão de seus pensamentos e afetos.

2.3 CRIANÇA E TV: RELAÇÃO, INTERAÇÃO E APROPRIAÇÃO

Um dos meios de comunicação mais presente na sociedade atual é a televisão, por ser o veículo de maior acessibilidade. Esse fato não é diferente com o público infantil, segundo o Ibope (2005) crianças de 04 a 11 anos passam 4 horas e meia por dia assistindo televisão.

Podemos ver a TV como uma poderosa fonte de penetração de conteúdos, sendo um instrumento de cultura e interação social. Isso fica claro quando vemos os bordões de personagens e o figurino deles sendo utilizados pela a sociedade de forma geral, tanto por adultos quanto por crianças, sejam de classes sociais mais favorecidas financeiramente ou menos favorecidas.

Rocco (1990) explicita que a televisão e o computador configuram-se como o invento mais importante do século XX. Sobre a televisão fala-se muito, fala-se sempre contra ou a favor, pois diante dela quase ninguém se mostra indiferente. É um meio de comunicação amado por milhares de pessoas,

aparentemente ignoradas por muitos, atacada por tantos mais, a verdade é que a televisão veio para ficar. (p. 54)

Com a troca de informações os seres humanos adquirem a cultura de seu grupo, interiorizam os valores e normas sociais. A televisão, vista como um meio de comunicação de massa, passar a ser então um importante veículo de socialização de informações e modos de ver o mundo, feitas através de telejornais e outros programas e entretenimento, realizado através de seriados, novelas e determinados filmes. Sendo assim, a socialização é um processo que requer muita responsabilidade das áreas envolvidas, porque o ser humano adquire muitas normas sociais através dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão.

Atualmente, o espaço tomado pela televisão demonstra que este veículo se tornou parte integrante, se não integradora, do cotidiano de todas as pessoas em, praticamente, todo o mundo e, devido a forte influência que a televisão pode exercer sobre as pessoas, em especial, as crianças, é que as escolas devem tomá-la como aliada na educação.

Vemos a mídia e as tecnologias de informação comunicação, sobretudo a televisão, como produtos sociais. Vemos que "... em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura" (LÉVY, 2000, p. 22).

Pensando o computador, a televisão, e as demais mídias contemporâneas como produtos e parte da nossa cultura, da nossa sociedade e parte principalmente do cotidiano da educação infantil, temos as mesmas considerações sobre a criança e a cultura, refletidas na relação da criança com a mídia.

A televisão, o computador e as demais tecnologias de informação e comunicação não são para a criança uma nova tecnologia, e sim uma tecnologia com a qual ela convive desde o nascimento:

Cabe começar pelo próprio conceito de Nova Tecnologia. Há quem afirme que uma tecnologia nova é aquilo que não existia quando nascemos. Isso equivale dizer que embora o computador possa ser uma nova tecnologia para nós educadores, não o é mais para crianças de Educação Infantil. O computador já era parte do mundo em que essas crianças nasceram e, por isso, não tem cabimento deixá-lo de fora da escola. (PERISSÉ, 2006, P.1).

As crianças do século XXI já nascem mergulhadas em uma sociedade midiática. Os livros, o rádio, a televisão, o celular, os outdoors, os jogos eletrônicos, a publicidade e outras formas de tecnologias de informação e comunicação são elementos que colaboram para que as crianças possam entender o ambiente. (...) Assim, a Mídia contribui com diferentes formas de ser e estar no mundo. As crianças identificam-se com as linguagens da mídia, pois elas estão presentes no seu dia-a-dia, e é com desenvoltura que lidam com as tecnologias audiovisuais e de informática. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.24-25)

Nos dias de hoje, algumas crianças passam mais tempo com os seus personagens favoritos da TV do que com os pais ou professores. Em alguns casos as crianças até suprem a falta que sentem dos pais com a televisão, sempre presente e de fácil acesso. Da mesma maneira que a família e a escola, a TV, também, tem um papel na formação e no desenvolvimento da criança, já que esta também acaba por muitas vezes, mesmo de forma indireta, passando lições de comportamento, maneiras de agir, dando a idéia do que seja certo e errado para o convívio em sociedade.

As crianças possuem tendência à imitação desde cedo, sendo assim imitam também o comportamento dos seus personagens favoritos, dos atores das novelas e de todos os programas assistidos por elas na televisão. Imitam tanto as ações positivas observadas nessa mídia, como também os comportamentos agressivos, violentos. As crianças não as distinguem da violência real estas cenas agressivas vistas nos filmes, desenhos animados, novelas, como por exemplo os Power Rangers e as Tartarugas Ninja. Os heróis dos desenhos através de uma luta, um combate violento com os 'bandidos', vencem, fazendo assim o bem prevalecer e o mau mais uma vez ser derrotado.

Mesmo tendo uma justificativa para ocorrer a luta, se não houver uma mediação ou a demonstração de que o bem pode prevalecer o mau, sem que haja uma luta violenta as crianças podem acreditar que é certo agir desta forma.

Na infância se aprende muitos valores, principalmente, o que é bom ou o que é ruim ou o que é castigado ou recompensado. Muitos programas de televisão, de entretenimento e diversão, apresentam imagens irreais que rotulam pessoas e influenciam os que assistem. Por isso a importância de uma mediação na relação da criança com a TV. Esse mediação pode ser feita tanto pelo pais quanto pela escola, local onde geralmente acontece a socialização do que foi assistido pelas crianças na TV.

O modo como nos relacionamos com a TV em muitas vezes não nos é ensinado, aprendemos com o passar do tempo, com as crianças acontece da mesma forma, raramente elas são educadas para se relacionar com essa mídia. Na maioria das vezes essa relação acontece de forma natural, sem nenhuma mediação, sem ninguém ensinar como se deve assistir a TV.

A apropriação que a criança faz dessa mídia ocorre o tempo todo, desde o momento que ela come um alimento que o personagem também consome, como o caso do Popeye e o espinafre ou quando utiliza a mochila, a lancheira e o relógio do seu herói favorito.

3. A PRODUÇÃO MUDIÁTICA INFANTIL

Durante o primeiro semestre de 2008 foi organizado um espaço na Escola Estadual de Ensino Fundamental República / Segmento da Educação Infantil da Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC (EEEF República/Ed. Infantil), com objetivo de criar um ambiente propício para produção de programas de televisão pelas crianças da educao infantil desta Escola. Puderam ser produzidos programas com as seguintes temáticas, a serem escolhidos pelas crianças; programa sobre ciência; de humor; infantil; de esporte; de variedades; culinário; propagandas; shows musicais; *reality show*; desenhos animados; vinhetas; novela; jornal; seriado; documentário; espetáculo de dança.

Cada turma debateu qual programa, ou quais programas a serem produzidos. Nesse momento de elaborao, as crianças definiram o nome do programa, sua durao, a produo dos roteiros e a preparao dos cenários e figurinos. Depois de todo o material gravado, os programas foram editados e exibidos para os pais num evento realizado na escola.

As atividades foram realizadas em oito turmas do turno da manhã e da tarde, com uma média de 11 alunos por turma, tendo apenas uma professora sem auxiliar. A faixa etária das crianças era de 04 à 05 anos. As atividades realizadas pelo projeto foram intercaladas com as atividades do cotidiano escolar. Era um momento onde as crianças podiam explorar as áreas internas e externas da escola, já que iam para um laboratório de mdias e às vezes para o pátio, e as mdias que estavam sendo apresentadas a elas, por exemplo, o computador, máquina fotográfica e filmadora.

Cada turma participou de quatro aulas organizadas de forma a ser produzido um programa de televisão de escolha das crianças. Em cada aula, descrevo a atividade, cito as pessoas envolvidas, descrevo o que observei durante o transcorrer da atividade e comento. Esses dados serviram de base para a análise.

Na organizao do projeto havia duas professoras implementadoras, junto com a minha orientadora, foram as responsáveis por escrever o projeto para o edital da FAPERJ. Sendo assim as professoras implementadoras que conduziam as atividades desenvolvidas na sala de mdia. Todos os momentos eram filmados e registrados num diário de campo. Eu participei de todas as

etapas da pesquisa, desde a apresentação do projeto para as crianças, o processo de escolha do programa a ser gravado, os ensaios e a gravação final.

Todas as produções das crianças foram gravadas em DVD e foram analisadas pelos pesquisadores/professores, alunos da graduação e pós-graduação inseridos na pesquisa, assim como os registros videogravados durante as produções e entrevistas com as crianças para constituição do *corpus* da pesquisa.

O cenário da pesquisa estando pronto, demos início ao processo de produção das imagens. Para realizar uma análise qualitativa dessas produções de forma a responder os objetivos desse trabalho, detalhamos as etapas de produção da forma como elas aconteceram, para propiciar a maior participação possível das crianças.

No corpo da monografia apresento uma descrição geral de cada fase do processo de produção que envolveu todas as turmas e a descrição de duas turmas das por mim observadas durante todo o processo. A descrição das atividades realizadas com as outras turmas estão no apêndice II

3.1 DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS DAS FASES DE PRODUÇÃO

FASE 1

- **Apresentação do projeto**

Ao organizarmos o cenário da pesquisa, tivemos a preocupação com o lúdico presente nas atividades com as crianças. Pensamos em mostrar para as crianças a proposta de produzir programas de televisão como uma grande brincadeira, que faríamos juntos, na sala de mídia. A expectativa era grande por parte das crianças desde o início do ano letivo, pois elas acompanharam todas as etapas de elaboração da sala. A pintura, a chegada dos computadores, dos móveis. Todos os dias eles entravam na sala e percebiam as mudanças, e perguntavam quando ela ficaria pronta. Essa expectativa contribuiu para despertar nas crianças o interesse pela nova sala e a curiosidade sobre o que eles vivenciarão nela.

Vendo a proposta de produção dos programas como uma grande brincadeira, seguimos algumas orientações para o educador infantil nos momentos de brincadeira com as crianças. A sua postura deve ser sempre a de mediador.

...O profissional de Educação Infantil (...) precisa intervir adequadamente, desafiando as crianças com atividades, questões e sugestões de encaminhamentos, que lhes possibilitem avançar do ponto em que se encontram na aprendizagem e desenvolvimento... (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.13)

Não esquecemos, porém, do espaço onde a pesquisa e todos nós estávamos inseridos, a escola. Repensar a atuação como implementadoras no desenvolvimento das atividades, foi nossa maior preocupação. Nossas intervenções poderiam ser catastróficas, interferindo nas produções das crianças de forma negativa.

... da forma como tem sido vista na escola, a tarefa de ensinar adquire algumas características (é linear, unilateral, estática) porque, do lugar em que o professor se coloca (e é colocado), ele se apodera (não se apropria) do conhecimento; pensa que o possui e pensa que sua tarefa é precisamente dar o conhecimento à criança. Aparentemente, então, o aprendizado da criança fica condicionado à transmissão do conhecimento do professor. Desse modo, o professor tende a monopolizar o espaço na sala de aula: seu discurso pré-domina e se impõe. Daí sucede que o estatuto do conhecimento passa pela escolarização, isto é, que a escolarização é constitutiva do conhecimento. (SMOLKA, 2000,p.31)

Dar essa nova dimensão para o trabalho com as crianças foi exercício facilitado pela utilização das mídias nas atividades. Quando SMOLKA afirma que no espaço escolar a tarefa do professor é dar e transmitir conhecimento ao aluno, monopolizando e impondo seus conhecimentos, refletimos sobre a nossa proposta. Não tínhamos um saber constituído sobre a produção de vídeos com crianças pequenas. Tínhamos sim, clareza quanto às propostas e embasamento teórico para desenvolvê-las. Mas a produção cotidiana, o “como fazer” seria um conhecimento construído junto com as crianças. Elas iriam criar o processo de produção de vídeos. E ficou muito bem estabelecido desde o início o papel coadjuvante das professoras implementadoras e da bolsista desde o início.

- **Projeção de Vídeo**

Na primeira aula apresentamos a sala de mídia e mostramos um vídeo (produção própria) com imagens de vários programas de televisão. Este foi o ponto de partida para conversarmos com as crianças sobre a proposta das

nossas aulas. Nós iríamos criar a TV Criança, com programas feitos só pelas crianças da educação infantil da EEEFR.

A equipe da pesquisa teve dúvida se este vídeo iria influenciar de alguma forma as escolhas das crianças. Mas ao mesmo tempo, nossa experiência nos apontava a necessidade de concretizar as propostas. Para se discutir sobre mídia com crianças de 4 e 5 anos era necessária uma vivência concreta da proposta, e o vídeo serviu como ponto de partida para as discussões.

- **Escolha dos programas favoritos da turma**

Durante a conversa, pedimos que as crianças dissessem quais eram seus programas de televisão favoritos. Depois realizamos uma eleição para que a turma escolhesse dois programas. Em quase todas as turmas a votação não aconteceu como previmos, pois as crianças votavam praticamente em todos os programas. As professoras regentes se limitaram a estimular as crianças a responderem, mas não influenciaram suas respostas. As professoras implementadoras, respeitando a vontade das crianças, perceberam que

Durante a vivência de situações de impasse, o adulto, junto com o grupo, precisa buscar soluções alternativas, a fim de que os objetivos sejam alcançados. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.13)

Dessa forma, selecionamos a lista com os programas citados pelas crianças, e optamos por entregá-la para a professora regente pedindo que ela, em um outro momento na sua sala de aula, retomasse a conversa com as crianças. Fizemos esse registro para, no caso da turma não decidir por um programa, sugerirmos a produção de um dos programas listados. Mas a proposta inicial era que cada turma criasse o seu próprio programa de televisão.

- **Falando e cantando utilizando o microfone**

Outra preocupação das professoras implementadoras foi em relação à inibição das crianças com a câmera. Por essa razão foram realizados karaokês

e entrevistas, onde as crianças brincaram com o microfone. Em quase todas as turmas as crianças se mostraram muito envergonhadas. É importante destacar que muitas eram novas na escola e ainda estavam vivenciando o período de adaptação que é comum a todas as escolas de educação infantil.

- **Escolha de personagens e Imitação de personagens escolhidos**

Em outra atividade com o mesmo objetivo, pedimos que as crianças escolhessem personagens de sua preferência e os imitassem diante das câmeras. Notamos que as crianças estavam gradativamente menos envergonhadas do que nos contatos anteriores.

- **Atividade complementar ao programa escolhido**

Após a professora regente nos dizer qual programa havia sido escolhido para ser produzido pela turma, desenvolvemos atividades para cada turma, de acordo com a sua escolha. As turmas que se inspiraram em programas de televisão existentes assistiram a alguns episódios dos mesmos. As turmas que criaram propostas novas de programas desenvolveram atividades no computador relacionadas ao seu tema, com jogos em flash e produção de desenhos.

Essas atividades foram importantes porque a escolha havia sido da maioria das crianças, mas algumas crianças não conheciam todos os personagens do programa escolhido. Isto porque algumas delas não tinham acesso a TV a cabo. Diante dessa realidade foi importante mostrar a essas crianças, mesmo sendo um número muito pequeno, o universo em que seriam desenvolvidas as filmagens, para que todas as crianças tivessem as mesmas oportunidades de participação e construção do programa.

FASE 2

- **Criação do roteiro**

A criação do roteiro durou em algumas turmas 1 aula, em outras 2 aulas. No planejamento inicial, pensamos em produzir o roteiro e filmar as crianças

logo em seguida, com receio de que elas esquecessem a história que haviam produzido, já que as aulas na sala de mídia eram semanais. As crianças nos mostraram que quando elas participam da criação de uma história, nenhum detalhe é esquecido. O roteiro elaborado e lido foi lembrado, em todos os seus detalhes, em todas as aulas subsequentes. Dessa forma, a filmagem poderia ser realizada em uma outra etapa. As crianças escolheram neste momento quais personagens gostariam de ser e como seria o figurino de cada uma delas. Em algumas turmas mais de uma criança escolheu o mesmo personagem. Decidimos, junto com as crianças, que um personagem seria interpretado por mais de uma criança, mas que para isso acontecer, eles precisariam gravar mais de uma vez o programa e todos concordaram com isso.

Descrição dos roteiros elaborados pelas crianças, com algumas observações:

Turma 1

Titulo: Cantando com Kelly Key

As crianças escolheram cantar e dançar vestidos de super-heróis e de Kelly Key. Optaram por ter duas apresentadoras chamadas Kelly Key. Demoraram um pouco para definirem as músicas, por isso, participaram de Karaokê para se desinibirem um pouco diante das câmeras.

Todas as vezes em que a professora regente da turma esteve presente para assistir às aulas, ela exigia muita disciplina e, por conta disso, as crianças não demonstravam estar muito à vontade.

Por essa razão, as professoras implementadoras da pesquisa optaram por realizar a produção do roteiro sem a presença da professora.

As crianças ficaram menos envergonhadas e mais motivadas. O repertório escolhido por elas foi:

“Meu lanchinho”

“O circo” (Xuxa)

“Cachorrinho” (Kelly Key)

“Dança do pingüim” (Aline Barros)

“Se ela dança, eu danço” (Mc Leozinho)

“O sapo não lava o pé”

“Estátua” (Xuxa)

“Dirigindo meu carro” (Xuxa)

“Aí vem o Chaves”

Embora existam muitos programas de calouros, consideramos esta proposta inédita pelo seu formato original.

Turma 2

Título: Chaves

O roteiro definido pelas crianças só tem um diálogo.

“Começa com a música de abertura do Chaves. Aparece o Quico. Aparece o Chaves. O Quico bate no Chaves e ele chora. O Chaves bate no Quico e ele chora.

A Dona Florinda aparece e o Seu Madruga também. Ele joga o chapéu no chão e fica com raiva.

Aparece a Chiquinha, a Pópys e o Chaves.

O Chaves bate no rosto da Pópys e a Pópys bate no rosto do Chaves.

A Chiquinha fala:

- Chaves, Chaves, Chaves por que você não brinca comigo?

Chegam o Seu Barriga e o Jaiminho.

Eles vão com o Chaves e depois o Quico aparece também.

Termina com a música do Chaves.

Esta turma de 4 anos escolheu o programa de TV que é veiculado na TV aberta. As crianças fizeram muita questão de ter as roupas iguais às dos personagens da TV, diferente das outras turmas que criaram seu próprio figurino a partir dos acessórios já existentes na sala de mídia. O roteiro elaborado pelas crianças reproduziu as falas e gestos dos personagens originais, incluindo a mesma música de abertura. Duas meninas quiseram interpretar a Chiquinha e se revezaram durante as filmagens.

Turma 3

Título: Power Rangers

Esta turma sabia o objetivo da história. “Que o bem vence o mal”, definiu os personagens e elaborou o roteiro resumido, mas com muita ação nos ensaios e durante as filmagens, com no programa original. O monstro

(interpretado pela inspetora da escola) queria invadir a cidade. Os Power Rangers foram lutar com o monstro, um de cada vez. Mas não conseguiram destruir o monstro, porque ele pediu ajuda. Então os Power Rangers se uniram, gritaram "Power Rangers" e venceram o monstro.

A professora regente da turma, diferentemente das outras, só esteve com os alunos durante o processo de criação do roteiro uma vez, na própria sala de aula. Ela dirigiu a atividade de criação do monstro e esteve mais presente na gravação final do programa.

Turma 4

Título: Os heróis da Cidade

“Era uma vez um Pica-pau que estava picando a árvore para ela cair, aí o Zeca Urubu olhou o Pica-pau picando a árvore, bateu no Pica-pau e ele picou o nariz do Zeca Urubu.

De repente, apareceu a Mulher Maravilha e lutou para ajudar o Zeca Urubu para que o Pica-pau não derrubasse a árvore e ela chamou o Batman para ajudar também e, quando olharam, estavam todos os super-heróis e o Pica-pau começou a picar na barriga, na boca e no nariz de todos e eles resolveram botar o Pica-pau na gaiola e ele ficou dormindo e triste, e aí acordou assustado porque ele sonhou com o monstro e prometeu para os super-heróis que não ia mais lutar com eles, nem picar e nem derrubar árvores, eles soltaram ele, levaram ele para casa dele.

E aí a cidade ficou bonita e eles foram felizes para sempre!”

Este roteiro foi elaborado misturando super-heróis com personagens de desenho animado, em uma história que aborda a questão do meio ambiente.

Turma 5

Título: Baixinhos Cantam Xuxa

As crianças elaboraram em seu roteiro, que cada uma iria cantar sozinha uma música da Xuxa e as outras crianças dançariam ao seu redor. Cada criança escolheu sua roupa e, para se desinibirem, fizeram Karaokê. O repertório escolhido pelas crianças, dentre vários CD da Xuxa, foi:

“Ilariê”

“O circo”

“Pinguinhos de chuva”

“Tchutchucão”

“Bila bilu”

“Vamos brincar, vamos rodar”

“Dirigindo meu carro”

“Hula-hula”

Após vários ensaios, as crianças cantaram e dançaram suas músicas escolhidas, para a elaboração de um DVD musical como elas mesmas descreveram o programa produzido pela turma.

Turma 6

Título: Lazy Town com Pica-pau

Esta turma criou rapidamente um roteiro misturando os personagens dos seus programas preferidos: Lazy Town e Pica-pau. Durante os ensaios e nas filmagens, nenhum detalhe foi esquecido. Duas meninas quiseram interpretar a Stephanie, e se revezaram no papel durante o período de filmagens.

“Stephanie fala:

- Estou desenhando no meu livro.

Aparece a senhorita Bessie Busybody e fala para Stephanie ir brincar.

Stephanie brinca com Ziggy. Aparece Robbie Rotten e pega o pirulito do Ziggy.

Sportacus aparece e corre atrás do Robbie Rotten; pega o pirulito e devolve para o Ziggy.

O Pica-pau está picando a árvore. Aí aparece o Zeca Urubu pedindo dinheiro senão ele vai pegar o Pica-pau e vai colocar no saco.

Chega a Minnie e diz que vai ajudar a colocar o Pica-pau no saco. Só que, pra surpresa, dentro do saco aparece um gato, que arranha os dois. Aí chega o Sportacus e bate no Zeca Urubu e na Minnie e os joga longe.

Logo depois aparece o Leôncio e o Zeca Urubu de helicóptero. Sportacus pega os dois e manda pra longe da cidade. E todos ficaram muito felizes, porque a cidade estava salva.”

Turma 7

Título: O Aniversário de Pedrinho

Essa turma é considerada especial porque foi formada bem depois do início do ano letivo e teve três professoras antes da atual professora regente da

turma. Mas o que poderia ser um obstáculo na aprendizagem se tornou uma vitória, porque o roteiro feito por ela teve estruturação e bastante criatividade.

Os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo e do Lazy Town se encontraram para fazer essa incrível aventura.

“Pedrinho fazia aniversário, então, sua mãe, a senhorita Bessie Busybody resolve fazer uma festinha. Só que o quintal está vazando água, e ela pede ao prefeito para concertar.

Depois, convida Stephanie para ajudar a fazer o bolo.

Tudo arrumado, os convidados começam a chegar.

Primeiro foi o Hulk, que veio de carro pra dar os parabéns. Depois, foi a Emília, que trouxe um presente.

A seguir chegaram Narizinho e Pixel. Todos estavam dançando.

Chegou a princesa.

De repente, a Cuca apareceu, que confusão!

Ela coloca um feitiço no bolo.

Chega a hora do parabéns. Quando Pedrinho foi soprar a vela, o bolo explodiu. Nisso, aparece o Sportacus. Leva todo mundo pra sua casa e diz que vai pegar a Cuca.

Eles correm pra muito, muito longe.

Sportacus pega a Cuca e ela promete que nunca mais vai fazer isso. Ele apresenta a Cuca para os seus amigos. Eles gritam de medo, mas ele diz que ela mudou e que agora era do bem.

Todos voltam para festa e terminam o programa dançando e felizes para sempre.”

Turma 8

Título: Futebol

As crianças trabalharam no roteiro do futebol da seguinte forma:

“O jogo é de meninos contra meninas. Não pode misturar.

O time das meninas terá quatro meninas e o nome do time é *As Patricinhas*.

O time dos meninos terá cinco meninos e o nome do time é *Brasil*.

O professor de educação física da escola será o juiz da partida.

A torcida será feita por todas as turmas de educação infantil e suas famílias. Todos deverão ter apitos e bandeirinhas.

As meninas decidiram pelo uniforme blusa rosa e short roxo.

Os meninos decidiram pelo uniforme blusa vermelha e short preto.

As crianças fizeram um desenho do futebol se retratando como jogadores.”

No dia marcado para a partida de futebol muitos familiares compareceram, com torcidas organizadas e muita animação. Os uniformes foram distribuídos e apesar dos meninos terem ganhado com muitos gols de diferença, a partida foi muito divertida e todos gostaram de participar.

Em outra aula, as crianças assistiram às imagens da partida e algumas fizeram narração do jogo, que foi gravada em formato MP3 e colocada na edição final do programa.

- **Caracterização, explorando figurinos e acessórios**

Providenciamos os figurinos de acordo com a solicitação das crianças, e dispomos outros acessórios e roupas para que elas tivessem mais opções. Muitos responsáveis¹ ajudaram, doando figurinos e objetos para a escola. Neste momento, a percepção da proposta como uma grande brincadeira ficou mais clara para as crianças. Para elas, o início foi a organização da brincadeira, com suas normas, e agora elas estariam vivenciando o jogo propriamente dito. Estavam iniciando a brincadeira de produzir programas de TV.

FASE 3

- **Ensaios do programa e da abertura do programa**

Com o roteiro e personagens bem definidos, iniciamos o processo de ensaio com as crianças. Algumas falas e diálogos novos surgiram, principalmente nas turmas de 5 anos. Nas turmas de 4 anos o diálogo não esteve muito presente, mas a expressão corporal foi de acordo com o roteiro elaborado.

...nós, educadores, costumamos ter expectativas em relação às habilidades e atividades que as crianças desenvolvem. Elas podem utilizar os objetos e envolver-se em brincadeiras de forma completamente diversa da esperada, e é fundamental que isso seja respeitado, a fim de que possam expressar-se conforme suas necessidades, desejos e possibilidades. Entretanto, o educador

precisa estar atento aos objetivos propostos e, como principal mediador, fazer a intervenção necessária.

O compartilhar das brincadeiras, o saber-jogar, deve fazer parte do dia-a-dia do educador. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005,p.14)

Nos momentos de ensaio, percebemos as crianças brincando, vestidas com os personagens escolhidos e vivenciando a história que eles haviam criado. As crianças, de fato, agiram de forma inesperada nesses momentos. Algumas crianças que na sala de aula e nos outros espaços da escola, como na educação física e no recreio, eram extrovertidas mostraram-se muito envergonhadas. Algumas outras, geralmente caladas e tímidas, mostraram-se completamente à vontade, falando e gesticulando conforme o roteiro do programa. Houve o registro dos ensaios e o respeito ao modo de expressão de cada criança.

Nessa fase as crianças elaboraram como seria a abertura do programa, ou em suas palavras, "o que passa antes do programa começar". Escolheram a música que queriam e brincaram livremente, criando as cenas que seriam usadas na abertura.

FASE 4

- **Ensaio geral e gravação das cenas do programa**

A gravação aconteceu nas turmas, de uma forma geral, em duas aulas. Algumas turmas precisaram de mais uma aula, pois algumas crianças faltaram nos dias de filmagem.

As crianças se vestiram, com a ajuda das professoras, e decidiram em qual lugar da escola (que tem um espaço externo imenso) gostariam de filmar. Algumas turmas optaram por filmar na sala de mídia. Chegando ao local, as crianças ensaiaram pela última vez e começaram a filmagem. Nas turmas de 5 anos, com roteiros mais elaborados, lemos a história produzida para orientar as ações das crianças. Muitos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, em seus momentos de recreio, permaneceram como platéia das filmagens, mas mesmo assim a maior parte das crianças não demonstrou nenhum tipo de inibição. As professoras regentes participaram das filmagens e também os funcionários da escola. Os inspetores ajudavam pedindo o silêncio da "platéia", e até atuando na filmagem a pedido das próprias crianças.

3.2 DESCRIÇÃO DAS TURMAS OBSERVADAS

TURMA 1

1- Tipo de atividade

Aula 1

1.1- Descrições da atividade

- Apresentação do projeto;
- Projeção de Vídeo (Te vejo na TV);
- Escolha de personagens;
- Imitação de personagens escolhidos;
- Negociação para escolha do programa (votação);
- Música ao final para as crianças dançarem.

1.2- Pessoas envolvidas na atividade

- Professoras Implementadoras;
- Professora da Turma;
- Crianças;
- Bolsista.

1.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

A professora implementadora conduziu a aula, apresentou o projeto para as crianças com uma projeção de vídeo e ao longo da apresentação fazia perguntas para as crianças. A professora da turma filmou toda a aula. As crianças assistiram ao vídeo, respondiam quando questionadas, não perguntavam de iniciativa própria, escolheram os programas que desejavam fazer, imitaram os personagens escolhidos, participaram de uma votação para a escolha do programa, houve uma negociação proposta pelas professoras implementadoras, já que não havia um consenso entre a turma, dançaram e cantaram músicas ao final da aula.

1.4- Comentários sobre a atividade

Em um primeiro momento cada criança escolheu um programa veiculado na TV e considerado por essa mídia como infantil. Somente uma criança, um menino, se manifestou por um programa jornalístico. Não havia forma de participação espontânea por parte das crianças. Na hora da votação todos escolhiam os programas citados, mesmo os que não eram conhecidos por todos. A professora implementadora propôs como forma de consenso que fizessem um programa musical, no formato de um programa de calouros. O nome do programa é "Cantando com Kelly Key e os Super Heróis". As crianças aceitaram a proposta. Ao final alguns dançaram e cantaram no microfone, outros nem dançaram, nem cantaram, mas quando todos estavam cantando, todos participaram, a participação individual era difícil, pois sentiam vergonha. A professora da turma filmou o tempo todo, participou da votação das crianças para a escolha do programa. A professora sempre simulava a participação como se fosse uma das crianças, no sentido de desencadear a participação das mesmas; dançava junto; conduzia as atividades induzindo a participação das crianças. A professora participava, mas sem decidir o andamento da aula. A professora implementadora conduziu a atividade sozinha, decidindo formas de condução para resolver problemas colocados pela dinâmica da turma.

2- Tipo de atividade

Aula 2

2.1- Descrições da atividade

- Criação do roteiro;
- Escolha do figurino;
- Escolha do local onde seria gravado o programa;
- Escolha das músicas que seriam cantadas no programa.

2.2- Pessoas envolvidas na atividade

- Professoras Implementadoras;
- Professora da Turma;
- Crianças;
- Bolsista.

2.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

A **professora implementadora** conduziu a aula, recordou com as crianças os acordos feitos na aula anterior. Novamente as crianças só respondiam quando questionadas. As meninas da turma escolheram o figurino, pois os meninos iriam se fantasiar de super-heróis, então, ficou acordado que a fantasia seguiria o molde já conhecido das roupas das personagens . A **professora da turma** filmou toda aula. As **crianças** escolheram onde seria a gravação do programa. No fim da aula anterior as professoras implementadoras pediram o auxílio da professora da turma para a escolha do repertório do programa. Devido às atividades do cotidiano as professora da turma não conseguiu trabalhar esse assunto com a turma, então as crianças escolheram na hora da aula as músicas que seriam cantadas no programa. Acordaram com a professora implementadora que estariam dançando enquanto um dos colegas de turma estaria cantando, mas haveria uma cadeira reserva caso uma das crianças se cansasse. Ao final da aula das crianças assistiram algumas músicas do DVD da Kelly Key.

2.4- Comentários sobre a atividade

No momento onde a professora implementadora estava recordando com a turma os acordos da aula anterior houve alguns alunos que quiseram mudar os personagens que haviam escolhido. As crianças ficavam mais inibidas com a presença da professora da turma. As crianças tiveram muita dificuldade para escolher as músicas que cantariam. As professoras implementadoras pediram ajuda dos pais com sugestões de músicas que as crianças cantavam em casa. As crianças se animaram um pouco ao assistir o DVD da Kelly Key.

3- Tipo de atividade

Aula 3

3.1- Descrições da atividade

Ensaio do programa escolhido pela turma

3.2- Pessoas envolvidas na atividade

- Professoras Implementadoras;
- Professora da Turma;
- Crianças;
- Bolsista.

3.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

As crianças cantaram as músicas escolhidas por elas e estavam muito inibidas por causa da câmera. A professora implementadora incentivava dançando e cantando junto com elas. Após o incentivo, elas se soltaram mais e já não estavam tão inibidas, algumas continuaram sentadas levantando às vezes. As crianças foram filmadas em área externa e fizeram a gravação da abertura do programa.

3.4- Comentários sobre a atividade

A inibição é um fator que vem se repetindo todas as aulas e geralmente ao final de cada aula elas começam a se soltar mais. Na filmagem externa mesmo com a presença de outros alunos no espaço, elas agiram com naturalidade.

4- Tipo de atividade

Aula 4

4.1- Descrições da atividade

Gravação do programa escolhido pela turma

4.2- Pessoas envolvidas na atividade

- Professoras Implementadoras;
- Professora da Turma;
- Crianças;
- Bolsista.

4.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Filmamos cada criança individualmente cantando a música escolhida. As meninas apresentaram os colegas.

4.4- Comentários sobre a atividade

Nesta aula a professora da turma não participou para que eles não ficassem muito inibidos.

TURMA 2

1- Tipo de atividade

Aula 1

1.1- Descrição da atividade

- Apresentação do projeto;
- Projeção de Vídeo (Te vejo na TV);
- Escolha dos programas favoritos da turma e da professora;
- Falaram e cantaram no microfone;
- Escolha de personagens;
- Imitação de personagens escolhidos.
- Assistiram a um episódio do programa do Chaves.

1.2- Pessoas envolvidas na atividade

- Professoras Implementadoras;
- Professora da Turma;
- Crianças.

1.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Uma das professoras implementadoras conduziu a aula, apresentou o projeto para as crianças e para a professora da turma com uma projeção de vídeo e ao longo da apresentação fazia perguntas para as crianças. A outra professora implementadora filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação do projeto sentada ao lado das crianças. As crianças assistiram ao vídeo, respondiam quando questionadas, perguntavam e faziam comentários de iniciativa própria, escolheram os programas que gostavam de assistir na TV, participaram de uma votação para a escolha do programa, descreveram no microfone como são os programas que eles gostam de assistir, cantaram no microfone músicas de escolha própria, escolheram o

personagem que desejavam ser no programa, imitaram os personagens escolhidos, assistiram a um episódio do programa do Chaves, o programa escolhido pela turma.

1.4 – Comentários sobre as atividades

Em um 1º momento as crianças conversavam, perguntavam e respondiam mesmo quando não eram questionadas. A professora da turma acompanhou toda aula, deu opinião quando chamada e auxiliou um aluno que estava um pouco tímido. Quando a professora implementadora perguntou para as crianças quais os programas televisivos elas gostavam, citaram desenhos e filmes considerados infantis pela mídia televisiva. Ao assistirem o vídeo onde havia vários programas televisivos, infantis ou não, elas se manifestavam com entusiasmos quando reconheciam algum programa. Algumas crianças ficaram encantadas com o fato de estarem sendo filmadas, olhavam para a câmera com convicção. Um dos meninos da turma tinha dificuldade de ficar sentado quieto na cadeira, o que levou a professora implementadora explicar várias vezes o porque que ele deveria sentar direito. Uma das meninas da turma escolheu o desenho Ben10, levando a um comentário de um menino da turma, alegando que esse era um desenho de menino e ela por ser menina não poderia escolhê-lo. A professora da turma também citou seus programas de tv favoritos. A professora implementadora fez uma votação com as crianças para a escolha do programa que foi gravado. A votação não deu muito certo, pois as crianças escolhiam todos os programas citados pela professora implementadora. A escolha do programa foi em sala de aula, junto com a professora da turma, o programa escolhido foi o Chaves. Em um segundo momento, as crianças foram ao microfone descreverem como são os programas que elas gostam de assistir na TV. Um dos meninos da turma quando pegou o microfone começou a cantar, diante desse fato a professora implementadora propôs que toda a turma fosse ao microfone cantar uma música. Teve um menino que nem descreveu o programa que gostava, nem cantou no microfone, pois estava muito envergonhado. A professora implementadora foi perguntando um a um qual personagem gostaria de ser no programa. Após a escolha, cada criança imitou seu personagem, algumas ficaram inibidas por causa da câmera.

2- Tipo de atividade

Aula 2

2.1- Descrição da atividade

- Criação do roteiro;
- Caracterização, explorando figurinos e acessórios.

2.2- Quem participou da atividade

- Implementadoras;
- Professora da turma;
- Crianças.

2.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Uma das professoras implementadoras conduziu a aula, enquanto a outra fazia as anotações. A professora implementadora comunicou às crianças que elas teriam que escolher onde seria gravado o programa. Elas deram várias opções. As crianças cantaram no microfone e dançaram músicas escolhidas pela professora implementadora. O roteiro foi criado em cima de uma história coletiva, uma das crianças começou e as outras continuaram a história. A professora implementadora anotou toda a história criada por elas. A turma se caracterizou com as fantasias e os acessórios da sala de mídia.

2.4- Comentários sobre as atividades

As músicas foram escolhidas pelas professoras implementadoras, mas por serem músicas infantis, a maioria da Xuxa, as crianças ficaram muito animadas ao dançarem e cantarem no microfone. Enquanto uma criança cantava no microfone as outras dançavam e cantavam também junto. Após essa atividade a professora implementadora propôs que eles montassem uma história coletiva, que a partir desta foi elaborado o roteiro do programa. Uma das crianças iniciou e as outras continuavam muito bem, sem dificuldades a história. Para finalizar a aula, as crianças se caracterizaram, explorando as fantasias e os acessórios da sala de mídia. Acharam muito divertido ao se olharem no espelho e olharem os colegas vestidos com fantasias e acessórios.

3- Tipo de atividade

Aula 3

3.1- Descrição da atividade

- Ensaios do programa;
- Ensaio da abertura do programa.

3.2- Quem participou da atividade

- Implementadoras;
- Professora da turma;
- Crianças.

3.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

A professora implementadora conduziu o ensaio. A professora da turma filmou a aula toda. As crianças estavam caracterizadas com figurinos e acessórios. Elas cantaram a música do programa. A professora implementadora lembrava a elas o roteiro e elas encenavam. As crianças também ensaiaram a abertura do programa, onde elas só dançavam, a música de abertura vinha do rádio, elas não cantaram.

3.4- Comentários sobre as atividades

Em um primeiro momento, as crianças queriam trocar de acessórios o tempo todo, diante disso a professora implementadora explicou que não havia necessidade disso, pois os acessórios iam continuar ali na sala de mídia e elas teriam outras oportunidades de experimentarem todos os acessórios e fantasias, mas aquela aula era para o ensaio do programa e que se eles ficassem o tempo todo trocando de acessórios não teriam tempo para o ensaio. Todos concordaram e se iniciou o ensaio. Um menino ficou muito tímido e não quis ensaiar, uma outra criança fez o papel dele, para que se pudesse dar seguimento ao ensaio. Enquanto umas crianças estavam ensaiando as outras estavam um pouco dispersas, conversando e brincando. Em um segundo momento elas trocaram de acessórios e fantasias e ensaiaram a abertura do programa. Algumas crianças continuavam inibidas por causa da câmera.

4- Tipo de atividade

Aula 4

4.1- Descrição da atividade

- Ensaio geral;
- Gravação das cenas do programa;
- Gravação da abertura do programa.

4.2- Quem participou da atividade

- Implementadoras;
- Professora da turma;
- Crianças.

4.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

O ensaio geral foi realizado numa área externa do colégio. As crianças estavam com as roupas que usaram na gravação do programa. As professoras implementadoras filmaram e conduziram o ensaio. A professora da turma auxiliou quando necessário. Após o ensaio as crianças gravaram as cenas do programa em uma outra área externa do colégio.

4.4- Comentários sobre as atividades

No ensaio geral algumas crianças ainda estavam tímidas e um pouco inseguras olhando para as professoras atrás da câmera, mas depois ficaram mais desinibidas e seguras, tanto que havia outras turmas no pátio onde estava sendo realizado o ensaio e mesmo assim elas continuaram normalmente. A gravação das cenas do programa foi realizada em outro espaço da escola. As crianças estavam bem mais seguras, não olhavam mais tanto para as professoras esperando aprovação. O menino que não quis participar do primeiro ensaio porque estava muito envergonhado, participou do ensaio geral, e da gravação das cenas do programa, sem nenhuma timidez.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

As crianças imprimiam suas “marcas” nos programas, mesmo quando reproduziram os já existentes na TV, como o programa do Chaves, mesmo elas utilizando o mesmo figurino e muitas das vezes imitando as características dos personagens, de alguma forma notávamos as “marcas” delas no programa,

com um olhar, ou um jeito de falar, de se portar diante da câmera. Os diálogos elaborados, a expressão corporal, o imprevisto são exemplos dessas marcas.

As crianças não se limitaram a “apenas recordar e reviver” os programas e os roteiros, não fizeram “mera reprodução” porque as relações delas com a produção de mídia era semelhante à relação que elas têm ao brincar.

Como Benjamin (1984) nos conta, as crianças executam correções nos brinquedos remontando-os, atribuindo funções diferenciadas daqueles que foram pensadas pelos adultos. Isso pode ser visto claramente quando elas escolheram o programa que seria filmado, por exemplo, o programa com a cantora Kelly Key e os super-heróis, ou seja, escolheram elementos da cultura infantil já existente, mas a recriaram quando juntaram em um mesmo programa esses dois elementos culturais antes vistos com distintos. “Ao inventar histórias, as crianças são cenógrafas que não se deixam censurar pelo sentido” (1984, p. 55).

Quando dizemos conceber a criança como um ser histórico e um sujeito de direitos, fica implícito reconhecermos que ela ao mesmo tempo em que influencia o seu meio também é influenciada por ele, podemos notar essa influencia do meio na criança no programa do Jogo de Futebol, quando uma das meninas que estava jogando para toda hora para se arrumar, endireitar o cabelo. Podemos entrar, então, numa discussão sobre gênero, onde muitos vão dizer que futebol é um esporte masculino e meninas devem ficar de fora observando, afinal devem estar sempre limpas, cheirosas e arrumadas como uma boneca.

Com sua capacidade criadora, as crianças deixaram o lugar de apenas consumidoras, no sentido estrito da palavra e passaram a assumir a posição de usuárias da mídia. Isto porque, quando aparentemente consumidoras de mídia, em casa e nos vários espaços sociais em que vivem, mesmo com uma postura unicamente receptiva, acabam sempre por fazer alguma “fabricação” diante das informações consumidas. Um exemplo dessa “fabricação” é quando propuseram fazer um programa que representaria um DVD infantil de músicas, com o DVD da Xuxa só para Baixinhos. Mesmo tirando os moldes do programa já existente, elas imprimiram nas filmagens suas características, suas relações com a mídia, sua forma de notar essa mídia, no caso o DVD.

As crianças se tornam usuárias, porque, através das informações, construíram, interiormente, novos conceitos, criações e releituras (CERTAU,

1999, p. 38) Modificaram e subverteram o que lhes foi imposto (modelos da TV comercial), criando programas de TV que nunca existiram e misturando, no mesmo espaço-tempo, personagens de histórias bem diferentes, como fizeram com o Aniversário do Pedrinho, Lazy Town com Pica-pau e Os heróis da Cidade.

No caso desses três programas anteriores e mais o programa do Power Rangers as crianças mostraram entender a diferença entre o bem e o mal, e que para ser uma bela história, com um belo final, os mocinhos tem que obrigatoriamente vencer os bandidos. Então foi isso que eles fizeram, com várias soluções distintas para resolver esse problema. Por exemplo, no Aniversário do Pedrinho num primeiro momento as crianças decidiram que no final da história a Cuca iria morrer e assim o bem venceria o mal, mas o menino que fez o papel da Cuca não concordava com esse final, até pensou em desistir de ser a Cuca, diante disso as crianças mudaram o final e decidiram que a Cuca iria pedir desculpas pelas suas maldades cometidas se redimindo e passando a ser uma boa "pessoa".

4 CONSIDERAÇÕES

Ao fim do trabalho nos fizemos a seguinte pergunta "Quem é a criança na Tv Criança?" Podemos ver na descrição de todo o processo de produção e na diversidade dos programas de TV, que as crianças da TV Criança são as que reproduzem e consomem com e na mídia, e que esta é uma possibilidade de elas produzirem mídia.

Pudemos notar que a TV e a linguagem televisiva faz parte do cotidiano das crianças, isso nos ficou claro, quando uma turma se deparou com o que seria a princípio um problema, mas que para eles não havia nada de errado. Essa turma elaborou o programa 'Cantando com a Kely Key', e tinham duas meninas na turma e as duas queriam ser a apresentadora do programa, ou seja, a Kely Key. Diante disto uma das meninas falou: "Tia não tem problema, nós fazemos assim, primeiro eu entro e apresento o programa, depois nós chamamos os comerciais e quando voltar o programa, ela (a outra menina da turma) volta como apresentadora."

O programa dos Power Rangers gravado pela turma 3, levanta a questão abordada no capítulo II, onde comento a violência mostrada cotidianamente na mídia. Nos atentando mais uma vez a importância da mediação na relação da criança com a TV. Pois a partir dessa mediação poderemos deixar claro para criança que podemos e devemos lutar pelo bem da sociedade, mas não necessariamente essa luta deve ser armada, levando para um combate físico violento.

Nas atividades desenvolvidas reconhecemos a criança da TV Criança como ser histórico e sujeito de direitos, que produz cultura por meio de um processo de construção de programas televisivos na escola. Mesmo que, em alguns momentos, a sistematização escolar, com a limitação do tempo das aulas, e a preocupação em se seguir o cronograma da pesquisa possam ter interferido nas escolhas das crianças.

Talvez porque, em suas "reelaborações criativas", de fato as crianças tenham vivenciado todo o processo de forma diferente dos professores. Elas vivenciaram como se tudo fosse uma grande brincadeira. E, assim como nas suas brincadeiras infantis, na TV Criança elas foram os protagonistas.

Ao longo do projeto de pesquisa e principalmente ao descrevermos e analisarmos o material coletado vemos que o objetivo da implementação do

projeto foi atingido, ou seja, a inclusão da criança aos meios de comunicação da atualidade, trazendo para escola a mídia televisiva.

Sendo assim acreditamos ser de suma importância a inserção da mídia televisiva, e outras mídias também, no cotidiano escolar das crianças, já que esta mídia faz parte do cotidiano familiar da nossa sociedade.

Referências

- AGUIAR, Carmem. **Educação, cultura e criança**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec 2004. (11ª. Ed).
- _____. **Estética da Criação Verbal**. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984. Coleção Novas Buscas em Educação, v. 1
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol. I. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANELA, Guilherme (Coord.) **Classificação indicativa: construindo a cidadania na tela da TV**. Brasília: ANDI; Secretaria Nacional da Justiça, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- ESTEBAN, Maria Teresa ; ZACCUR, Edwiges (orgs.) **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FARACO, A, F. TEZZA, C. CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre MIKHAIL BAKHTIN**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- JOBIM E SOUSA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- KAPPEL, Dolores, B. **Índice de Desenvolvimento infantil no Brasil**. *Revista Brasileira Educação*. Maio/Ago.2007, v.12, n.35. p.212- 240.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- KRAMER, Sonia. **Infância, cultura contemporânea e educação barbárie**. In: BAZÍLIO _____ . **Infância, cultura e educação**. In: PAIVA, A. , EVANGELISTA, A. PAULINO, G, e VERSIANIN, Z. (Org.). **No fim do século: a diversidade. O jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Editora Autêntica/ CEALE, 2000, p. 9-36
- KRAMER, Sônia & LEITE, Maria Isabel (org.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- KUHLMANN JUNIOR, Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 3. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2004.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes et alii. Ladrões de sonhos e sabonetes: sobre os modos de subjetivação da infância na cultura do consumo. In: JOBIM e SOUZA, Solange (org.). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

PERISSÈ, Paulo M. et al. **Informática na Educação Infantil**. Disponível no endereço: <http://www.globalschool.com.br/vstaff.asp?id=1>. Acessado em 20 de setembro de 2006.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Que pôde a escola diante do fascínio da TV?** IN *Multimeios aplicados a educação: uma leitura crítica*, organizado por Y. H. Truffi. L. A. C. Franco. São Paulo: FDE, 1990. p. 53-63 *Idéias*; 9.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 9. ed. Campinas, SP: Cortez; 2000.

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

APÊNDICE I

QUADRO DA PESQUISA

Tipo de atividade	Descrição da atividade	Quem participou da atividade?	Como foi o desenvolvimento das atividades?	Comentários
Planejamento da implementação do Projeto	Escrita do Projeto TV Criança (SETEMBRO/OUTUBRO)	Prof ^{as} regentes: Cláudia, Luciene e Maristela da E.E.E.F.R. e a Prof ^a Doutora Guaracira	Escrevemos o Projeto da pesquisa em parceria.	O projeto foi contemplado pelo Edital nº 10/2007 da FAPERJ em Outubro/2007.
	I Encontro Criança na Mídia realizado no dia 09/11/07 no Teatro CETEP/Quintino	Todos os professores da Educação Infantil da E.E.E.F.R. e demais professores e pesquisadores de outras instituições públicas e privadas. Participaram como palestrantes a Prof ^a Doutora Guaracira da UNIRIO e a Prof ^a Virgínia do ISERJ.	Realizamos uma mesa redonda para debatermos o uso das Mídias no cotidiano da Educação Infantil.	Neste evento apresentamos pela primeira vez o Projeto TV Criança já aprovado pela FAPERJ.
	Infra-Estrutura da sala de Mídia (JANEIRO A MARÇO)	Prof ^{as} Luciene e Maristela e Prof ^a Doutora Guaracira.	Decidimos como prioridade a compra de: <ul style="list-style-type: none"> • 7 micro computadores • 1 câmera digital • 1 filmadora • 1 impressora multifuncional • 2 projetores • 1 ar-condicionado <p>Compramos o mobiliário, organizamos a sala, instalamos a grade, pintamos a sala e colocamos uma nova rede elétrica para os computadores.</p>	

	<p>Apresentação da proposta de trabalho para os professores</p> <p>(FEVEREIRO)</p>	<p>Todos os professores da Educação Infantil, Supervisão e Orientação escolar da E.E.E.F.R.</p>	<p>Realizamos um debate no Centro de Estudos mensal.</p>	<p>Entregamos termos de compromisso para os professores. Todos decidiram aceitar a proposta.</p>
	<p>Planejamento das ações com os alunos e cronograma da pesquisa</p> <p>(FEVEREIRO/MARÇO)</p>	<p>Prof^{as} Luciene e Maristela</p>	<p>Através de reuniões com a presença da equipe técnico-pedagógica da Educação Infantil da E.E.E.F.R.</p>	<p>Como demorou o processo da liberação do nosso horário para o projeto, realizamos estas atividades de planejamento juntamente com regência de turma regular.</p>
<p>Formação dos Professores</p>	<p>Primeira oficina: "Tecnologia sem mistérios"</p> <p>(ABRIL)</p>	<p>Todos os professores, supervisão, orientação e demais funcionários da Educação Infantil.</p>	<p>Realizamos dinâmicas utilizando o vídeo, a filmadora e computador para debater e conhecer as mídias.</p>	<p>Nesta oficina, os professores aprenderam a manusear a filmadora e aperfeiçoaram a digitação.</p>
	<p>Segunda Oficina: "Tecnologia sem mistérios"</p> <p>(JUNHO)</p>	<p>Todos os professores, supervisão, orientação e demais funcionários da Educação Infantil.</p>	<p>Realizamos dinâmicas utilizando a câmera digital, a filmadora e o editor de imagens.</p>	<p>Nesta oficina, os professores aprenderam a manusear a câmera digital e aperfeiçoaram a edição de imagens no computador.</p>
	<p>Centro de Estudos mensais</p>	<p>Todos os professores, supervisão, orientação e demais funcionários da Educação Infantil.</p>	<p>Em todos os Centros de Estudos mensais, as bolsistas trocavam informações, sugestões sobre o andamento do projeto.</p>	<p>Fizemos registros em vídeo dos depoimentos dos professores sobre o andamento do projeto.</p>

APÊNDICE II

QUADRO DA TURMA 3

Tipo de atividade	Descrição da atividade	Quem participou da atividade	Como foi o desenvolvimento das atividades	Comentários
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto; • Projeção de Vídeo (Te vejo na TV); • Escolha dos programas favoritos da turma; • Descreveram no microfone como são os programas que gostam de assistir na TV; • Cantaram no microfone e dançaram. 	<ul style="list-style-type: none"> • Professoras Implementadoras • Professora da Turma; • Crianças. 	<p>Uma professora implementadora apresentou o projeto e a outra filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. Ao longo da apresentação a professora implementadora fazia perguntas para as crianças, e elas respondiam. Cada criança falou os nomes dos programas que gostam de assistir na TV e depois descreveram no microfone como são esses programas. Houve também uma votação para a escolha do programa que foi produzido pela turma. Naquele momento não conseguiram escolher um programa que todo quisessem fazer, então a professora implementadora propôs que a professora da turma realizasse uma nova votação em outro momento. Para fechar a aula,</p>	<p>As crianças só respondiam quando questionadas, não perguntavam, nem comentavam por iniciativa própria. A turma era extremamente quieta e calada. Na hora da votação uma menina levantou o braço para todos os programas citados pela professora implementadora, até mesmo para os programas que não foram citados a princípio por ela como favorito. Quando as crianças foram ao microfone descreverem os seus programas favoritos, a professora implementadora tinha que ficar questionando elas como era o programa, pois fora isso elas não falavam nada. Elas também se auxiliavam, quando um</p>

			as crianças cantaram no microfone e dançaram.	colega esquecia algum detalhe do programa que estava descrevendo, elas o lembravam. Uma menina tinha uma enorme dificuldade de ficar sentada quieta na cadeira, e a partir do momento que os colegas viram como ela estava se comportando, alguns começaram a imitá-la. Havia uma menina muito tímida na turma, nem descreveu no microfone o seu programa favorito, nem cantou. A professora da turma não acompanhou a turma até o final da aula.
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do roteiro; • Assistiram parte da gravação da última aula deles e a um episódio do programa do Power Ranger. 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementadoras ; • Crianças; • Bolsista. 	O programa escolhido pelas crianças foi o Power Ranger, a escolha foi feita em sala de aula com a professora da turma. Está por sua vez, não participou dessa aula. As professoras implementadoras conduziram a aula, lembrando as crianças o que eles haviam definido com a professora	As crianças acharam super divertido se verem no telão, algumas ficaram encantadas. A parte da aula anterior que elas assistiram, foi quando estavam cantando no microfone e dançando. Algumas crianças ficaram animadas e começaram a cantar e dançar

			<p>da turma. A bolsista filmou toda a aula. Eles viram no telão parte da gravação da aula anterior e ao final um episódio do programa do Power Ranger. As crianças junto com umas das professoras implementadoras sentaram em roda para a criação do roteiro. A proposta foi criar o roteiro a partir de uma história coletiva.</p>	<p>junto com o vídeo. No momento em que tocou um funk, elas adoraram, ficaram muito animadas, uma das meninas da turma começou até a ensinar os outros os passos da música. Três meninos não puderam assistir ao episódio do programa do Power Ranger, pois não haviam feito uma atividade em sala de aula com a professora da turma. No momento da criação da história coletiva as crianças tiveram algumas dificuldades, conseguiam descrever como eram os personagens, mas não conseguiam criar uma história para eles. Elas definiram que a inspetora do colégio seria o monstro da história. A professora da turma não apareceu em nenhum momento na sala, para ver como estava o andamento da aula.</p>
Aula 3	• Caracterização	• Implementadoras	Uma das	Uma menina

	<p>com os acessórios e fantasias da sala de mídias;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ensaios do programa (dentro da sala de mídia e área externa); • Ensaio da abertura do programa; • Jogaram no computador o jogo do Power Ranger. 	<p>;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Bolsista. 	<p>professorar implementadoras conduziu o ensaio e a outra filmou todo ele. As crianças se caracterizaram com os acessórios e as fantasias da sala de mídia com o auxílio da professora implementadora. A inspetora do colégio não pode participar do ensaio, então a bolsista fez o papel dela, foi o monstro. Houve também um ensaio na área externa do colégio. Nesse ensaio uma das crianças fez o papel do monstro. Para finalizar a aula as crianças jogaram no computador o jogo do Power Ranger.</p>	<p>queria trocar de acessórios o tempo todo, as outras crianças apesar da curiosidade em relação aos acessórios e fantasias, não manifestavam a vontade de trocá-los. As professoras implementadoras tinham que conduzi-las o tempo todo, pois não sabiam como agir sozinhas. No ensaio externo não ficaram inibidas apesar de haver outras turmas no pátio no momento do ensaio. Nesse ensaio a menina que havia ficado inibida e não quis nem cantar, nem falar no microfone nas aulas anteriores, fez o papel do monstro, e se divertiu muito ao fazê-lo. Ficaram muito animadas ao jogaram o jogo do Power Ranger no computador.</p>
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> • Gravação das cenas do programa; • Gravação da abertura do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementadoras ; • Crianças; • Inspetora do colégio. 	<p>A gravação do programa foi na área externa do colégio. As crianças estavam caracterizadas. As professoras implementadoras conduziram a</p>	<p>Não houve fala alguma no programa, apenas ação. As crianças não criaram frases para história (roteiro) que inventaram.</p>

			gravação e filmaram o programa. A inspetora do colégio estava caracterizada, e foi o monstro, como as crianças haviam escolhido.	Esperam o sinal das professoras implementadoras para agir, não tinham iniciativas próprias. Ficaram tímidas quando gravaram cenas sozinhas, sem nenhum colega da turma e sem a inspetora.
--	--	--	--	---

QUADRO DA TURMA 4

Tipo de atividade	Descrição da atividade	Quem participou da atividade	Como foi o desenvolvimento das atividades	Comentários
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto; • Projeção de Vídeo (Te vejo na TV); • Escolha dos programas favoritos da turma; • Descreveram no microfone como são os programas que gostam de assistir na TV; • Votação para a escolha do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Professoras Implementadoras ; • Professora da Turma; • Crianças. 	As professoras implementadoras se dividiram, enquanto uma filmava a outra apresentava o projeto para as crianças. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. As crianças escolheram seus programas favoritos, foram ao microfone descrevê-los e participaram de uma votação para a escolha do programa a ser produzido por elas.	As crianças só respondiam quando questionadas, não perguntavam, nem comentavam por iniciativa própria. Algumas crianças começaram a ficar inquietas, pois a apresentação estava um pouco extensa e não muito dinâmica para elas. Quando foram ao microfone descrever os seus programas favoritos, um menino ficou rindo muito, mas apesar da timidez continuou falando, já uma menina só ria, não pronunciou uma palavra. A turma é unida, quando uma criança não lembrava algum detalhe do programa que estava

				descrevendo, as outras ajudavam. A professora implementadora tinha que ficar questionando a elas, quando foram ao microfone, pois fora isso elas não fariam nada por iniciativa própria.
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do roteiro; • Imitaram os personagens do programa; • Pintura dos desenhos dos super-heróis; • Narração de uma história no microfone. 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementadoras ; • Professora da turma; • Crianças; • Bolsista. 	As crianças junto com a professora da turma já haviam decidido na sala de aula qual seria o programa e criaram um roteiro a partir de uma história coletiva. As professoras implementadoras leram o roteiro para as crianças e cada uma delas foi escolhendo os seus personagens e depois imitaram os personagens escolhidos. Elas pintaram os desenhos dos super-heróis do programa. Em um outro momento cada uma delas foi ao microfone contar uma história com os personagens do programa.	Algumas crianças ficaram um pouco tímidas quando foram imitar seu personagem. Uma das professoras implementadoras ensinava, questionando como era o papel do personagem. As crianças ficaram muito animadas ao pintarem os desenhos. Não tinham muita desenvoltura para inventar histórias, a professora implementadora tinha que ficar questionando se não havia mais nada que eles quisessem incluir na história. Uma menina pegou o microfone e ficou só rindo, não falou nada.
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização com os acessórios e figurinos da sala de mídias; • Ensaios do programa dentro da sala de mídia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementadoras ; • Professora da turma; • Crianças; • Bolsista. 	As crianças se caracterizaram com as fantasias e os acessórios da sala de mídia. As professoras implementadora e a da turma auxiliaram as	Uma menina não conseguiu escolher sozinha o acessório que queria usar, nesse momento a professora da turma auxiliou ela. A professora da

	<ul style="list-style-type: none"> Jogaram no computador o jogo do Pica-pau. 		<p>crianças a colocarem os acessórios e as fantasias. A bolsista filmou a aula toda. O ensaio se repetiu várias vezes. Ao final jogaram no computador o jogo do pica-pau.</p>	<p>turma narrava a história enquanto as crianças iam interpretando, mas elas não possuíam iniciativa própria, em alguns momentos as professoras tinham que dizer a elas o que deviam fazer. A mesma menina que não escolheu o acessório sozinha não participava do ensaio, diante disso uma das professoras implementadoras propões que outra criança fizesse o seu papel, para que o ensaio pudesse dar segmento. Quando isso foi feito o ensaio ocorreu sem problema algum. Ficaram muito animadas no final quando foram para o computador jogar o jogo do pica-pau.</p>
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> Gravação das cenas do programa; Gravação da abertura do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> Implementadoras ; Professora da turma; Crianças; Bolsista. 	<p>A gravação do programa foi na área externa do colégio. As crianças estavam caracterizadas. A professora implementadora narrava a história criada pelas crianças junto com a professora da turma e elas iam interpretado. A bolsista filmou as cenas do programa. A</p>	<p>Na gravação externa as crianças não ficaram inibidas apesar de terem outras turmas no pátio observando elas. Em alguns momentos elas dispersavam, não dando muito atenção para a cena que estava sendo narrada e gravada. Na filmagem da abertura do</p>

			professora da turma e uma das professoras implementadoras ficaram observando. Já a gravação da abertura do programa foi na sala de aula.	programa a professora implementadora tinha que dizer as crianças o que elas deviam fazer, tinha momentos que elas pareciam estar perdidas.
--	--	--	--	--

QUADRO DA TURMA 7

Tipo de atividade	Descrição da atividade	Quem participou da atividade	Como foi o desenvolvimento das atividades	Comentários
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto; • Projeção de Vídeo (Te vejo na TV); • Escolha dos programas favoritos da turma; • Descreveram no microfone como são os programas que gostam de assistir na TV. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças. • Professora da Turma; • Professoras Implementadoras 	<p>Uma professora implementadora apresentou o projeto e a outra filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. Ao longo da apresentação a professora implementadora fazia perguntas para as crianças, e elas respondiam. Cada criança falou os nomes dos programas que gostam de assistir na TV e depois descreveram no microfone como são esses programas. Para fechar a aula fizeram uma votação para escolher o programa que</p>	<p>A turma estava um pouco calada. Estavam compenetrados assistindo ao vídeo. Apenas uma menina falava o tempo todo. Em alguns momentos a turma toda falava. Quando a professora falou que eles iam se vestir e filmar e depois iam se ver na TV, umas das crianças falou que a mãe dele ao tinha dinheiro, só o pai dele, diante desse fato a professora implementadora explicou que não tinha problema, que a escola iria fornecer o necessário para eles fazerem isso, e então ele</p>

			seria produzido.	concordou. Quando um menino foi ao microfone falar sobre o programa que ele mais gostava, a turma ficou animada e começou a rir, a falarem todos ao mesmo tempo. Nesse momento a professora da turma ajudou as professoras implementadoras. As crianças estavam com vergonha de irem falar no microfone, não queriam ficar em pé na frente de todos. Como solução a professora implementadora sugeriu que cada um falasse sentando em seu lugar, e eles aceitaram. Depois até começaram a ir na frente da turma falar no microfone, mas só em duplas. Uma das crianças assumiu que estava com vergonha, que até queria falar no microfone, mas não sozinho.
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do roteiro; • Recordaram o que haviam combinado na aula anterior e na sala de aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma. • Professoras Implementadoras ; 	Uma professora implementadora conduziu a aula e a outra filmou. A professora da turma acompanhou e	Uma menina havia faltado na aula anterior e não havia escolhido o seu personagem, ela estava com muita

<p>com a professora da turma;</p>		<p>auxiliava as professoras implementadoras quando necessário. A escolha do programa ocorreu na sala junto com a professora, o nome do programa escolhido é "A casa de todos", onde a proposta é a junção de vários programas infantis. O roteiro foi criado na sala de mídia, junto com as professoras implementadoras e a professora da turma. As crianças narravam a história e a professora implementadora ia anotando.</p>	<p>vergonha e não falava por nada, só olhava para as professoras e para câmera. A turma continuava envergonhada, ficavam só olhando falavam em poucos momentos. Uma das professoras implementadoras discordou de uma proposta das crianças, dizendo não ser possível, e elas continuaram teimando dizendo ser possível sim o que estavam propondo. A professora implementadora falou o tempo todo e as crianças ficavam só olhando para ela. No roteiro da historia ficou acordado que a 'cuca' (um personagem) morreria no final. Nesse momento o menino que ia representar esse personagem disse que não queria mais fazer, pois acho que realmente ia morrer no final. As crianças explicaram para o menino que era tudo de mentira, que ele não ia morrer de verdade, mas mesmo assim ele</p>
-----------------------------------	--	---	---

				não aceitava essa situação. Diante disso a professora implementadora propôs que eles pensassem então um novo final para a história. Todas as crianças davam palpite na narração, mas sempre predominava as idéias de uma das meninas.
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização com os acessórios e fantasias da sala de mídias; • Ensaios do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma; • Professoras Implementadoras 	O ensaio foi realizado na sala de mídia. As crianças seguiram o roteiro que foi produzido por elas junto com as professoras implementadoras na aula anterior. Uma das professoras implementadoras narrava a história, enquanto a outra filmava.	A turma estava mais descontraída e animada comparando com as aulas anteriores. Seguiam a ordem acordada da história criada por eles. Em poucos momentos as professora implementadora teve que recordá-los o que haviam acordado.
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> • Gravação das cenas do programa; • Gravação da abertura do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma; • Professoras Implementadoras 	As cenas do programa foram gravadas no pátio da escola. Foi filmada uma cena de cada vez, não mantendo uma linearidade.	A turma estava bem a vontade, falavam olhando para câmera e esperando o comando das professoras implementadoras. O narrador da história foi uma das crianças, foi a única que filmou as cenas separada do restante da turma. Mas também estava descontraída

como o restante da turma e dividia os olhares entre a câmera e o comando da professora implementadora.

QUADRO DATURMA 8

Tipo de atividade	Descrição da atividade	Quem participou da atividade	Como foi o desenvolvimento das atividades	Comentários
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto; • Projeção de Vídeo (Te vejo na TV); • Escolha dos programas favoritos da turma; • Cantaram no microfone. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças. • Professora da Turma; • Professoras Implementadoras ; 	<p>Uma professora implementadora apresentou o projeto e a outra filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. Ao longo da apresentação a professora implementadora fazia perguntas para as crianças, e elas respondiam. Uma espécie de conversa, não apenas perguntas e respostas. Cada criança falou os nomes dos programas que gostam de assistir na TV. Depois em duplas as ficaram cantaram no microfone. E para fechar a aula dançaram várias músicas.</p>	<p>As crianças estavam animadas e falantes. Quando uma das crianças falava algo, todas as outras falavam logo em seguida a mesma coisa. Elas conheciam todos os programas, até os classificados como programas para adultos. Animadas conversavam, questionavam e falavam a todo momento. Enquanto uma criança falava as outras esperavam ansiosas por sua vez para falar. Ficaram animadas e felizes quando foram ao microfone falar e cantar. Na hora que estavam dançando as músicas que a professora implemetadora</p>

				estava colocando, ficaram mais animadas quando tocou funk.
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha do programa que foi produzido; • Criação do roteiro; 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma. • Professoras Implementadoras 	Uma professora implementadora conduziu a aula e a outra filmou. A professora da turma acompanhou e auxiliava as professoras implementadoras quando necessário. A escolha do programa e a criação do roteiro foram na sala de aula. As crianças decidiram que vão fazer uma partida de futebol. Diante disso as professoras implementadoras foram pedir a ajuda do professor de educação física, que será o juiz da partida	As crianças estavam bastante animadas. O mais complicado foi decidir como seria o uniforme dos times, pois todos queriam que fosse nas cores do seu time de coração. Mas como ficou resolvido que seria menino contra meninas, os uniformes ficaram sendo rosa para as meninas e azul para os meninos.
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização com os acessórios e figurino da sala de mídias; • Ensaios do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma; • Professoras Implementadoras • Professor de educação física 	Num primeiro momento as crianças exploraram os figurinos da sala de mídia e depois foram para quadra ensaiar a partida de futebol com o professor de educação física	As crianças ficaram animadas quando foram para quadra. Correram, jogaram bola, se divertiram.
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> • Gravação das cenas do programa; • Gravação da abertura do programa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças; • Professora da turma; • Professoras Implementadoras 	Os pais foram convidados para a gravação, para fazerem a torcida, trouxeram cartazes e as professoras implementadoras	As crianças estavam animadas e contentes por terem os pais presentes. Algumas meninas ate se

			<p>distribuíram cornetas. O time dos meninos ganhou a partida. A professora implementadora gravou todo o jogo.</p>	<p>esforçaram no jogo, enquanto outras estavam preocupadas com o cabelo, a roupa... Mesmo perdendo o jogo as meninas não ficaram desanimadas, pelo contrário adoraram realizar a gravação da partida de futebol. Mesmo com o ensaio, o jogo aconteceu em 'tempo real sem combinados.'</p>
--	--	--	--	---

As turmas a seguir estão sendo apresentadas em forma de itens e não de quadro.

TURMA 5

1- Tipo de atividade

Aula 1

1.1- Descrição da atividade

- Apresentação do projeto;
- Projeção de Vídeo (Te vejo na TV);
- Escolha dos programas favoritos da turma;
- Fizeram votação do programa favorito da turma;
- Descreveram no microfone como são os programas que gostam de assistir na TV;
- Cantaram no microfone.

1.2- Quem participou da atividade

- Crianças.
- Professora da Turma;
- Professoras Implementadoras;
- Bolsista.

1.3- Como foi o desenvolvimento das atividade

Uma professora implementadora apresentou o projeto e a outra filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. Ao longo da apresentação a professora implementadora fazia perguntas para as crianças, e elas respondiam. Cada criança falou os nomes dos programas que gostam de assistir na TV e depois fizeram uma votação para escolher o programa favorito da turma. No momento seguinte uma criança de cada vez foi ao microfone descrever o programa favorito dela. Para fechar a aula, as crianças cantaram no microfone.

1.4- Comentários sobre as atividades

A turma chegou na sala falante, conversavam bastante e prestavam atenção no que a professora implementadora falava. Uma menina perguntava a todo momento e comentava as falas da professora implementadora. A turma estava bastante a vontade e participativa. Quando a professora implementadora fazia alguma pergunta todos respondiam animados. Na hora da votação todos votavam em todos os programas. As crianças ficaram um pouco tímidas ao irem falar no microfone, mas mesmo assim todas foram na frente da turma descrever o programa que mais gostavam. A professora da turma auxiliou o desenvolvimento da aula em alguns momentos. Tinha uma menina que sempre auxiliava os colegas que estavam falando no microfone, complementando as falas deles. No final da aula as crianças cantaram no microfone. Algumas crianças queriam cantar, mas estavam envergonhadas, ficavam olhando para câmera, segurando o microfone, mas não cantavam, nem falavam

2- Tipo de atividade

Aula 2

2.1- Descrição da atividade

- Criação do roteiro;
- Escolha dos personagens;
- Imitação do personagem escolhido;

- Assistiram ao programa escolhido pela turma.

2.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma;
- Professoras Implementadoras;
- Bolsista.

2.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Uma professora implementadora conduziu a aula e a outra filmou. A professora da turma acompanhou e auxiliava as professoras implementadoras quando necessário. A escolha do programa foi feita em sala de aula com a professora da turma. Na aula na sala de mídia cada criança escolheu o personagem que queria ser no programa e depois foi no meio da sala imitar o personagem escolhido. Depois assistiram ao programa escolhido pela turma. Para finalizar a atividade as crianças narraram a história e a professora implementadora anotava tudo.

2.4- Comentários sobre as atividades

A turma estava um pouco mais calada comparada a aula anterior. Na hora da escolha dos personagens eles queriam ser os mesmos personagens. A professora implementadora ajudava em alguns momentos eles recordarem quais eram os personagens dos programas escolhidos por eles. Uma menina queria ser todos os personagens. Quando a professora implementadora sugeriu que eles imitassem o personagem 3 crianças reclamaram, dizendo que não iam fazer. As crianças ficavam tímidas ao irem na frente de todos imitar o personagem escolhido. Um menino ajudou o outro a imitar o personagem, assim que o colega levantou para ajudá-lo, ele ficou mais a vontade e imitou o personagem mais desinibido. A professora implementadora teve que ajudar 2 meninas a imitarem seus personagens, ela narrava as atitudes da personagem e as meninas faziam. Aos poucos as crianças ficaram mais a vontade e imitaram tranquilamente os seus personagens. Uma menina não quis imitar o personagem e disse que não iria participar, depois dessa situação uma outra

menina falou a mesma coisa. A professora da turma conversou com as duas e elas aceitaram participar. A professora da turma encenou o personagem junto com elas.

3- Tipo de atividade

Aula 3

3.1- Descrição da atividade

- Caracterização com os acessórios e figurinos da sala de mídias;
- Ensaios do programa;
- Dançaram no final da atividade.

3.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma;
- Professoras Implementadoras;
- Bolsista.

3.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

As crianças foram em trios escolherem os acessórios que queriam usar para realizar o ensaio do programa. Depois ensaiaram o programa na sala de mídia. A professora implementadora narrava a história elaborada por eles e eles executavam o roteiro. Para fechar a atividade a professora implementadora colocou música e propôs que todos dançassem juntos.

3.4- Comentários sobre as atividades

As crianças estavam animadas, riam, acenavam para câmera. Em alguns momentos as crianças ficavam um pouco tímidas, mas logo depois se descontraíam novamente ficando mais a vontade de novo. Na sala de mídia há um espelho, uma das crianças ia toda hora se olhar no espelho. No final da aula quando foi posto música para elas se descontraírem mais um pouco, elas adoraram.

4- Tipo de atividade

Aula 4

4.1- Descrição da atividade

- Gravação das cenas do programa;
- Gravação da abertura do programa.

4.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma;
- Professoras Implementadoras;
- Bolsista.

4.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

A gravação do programa foi na área externa do colégio. As crianças estavam caracterizadas. As professoras implementadoras conduziram a gravação e filmaram o programa.

4.4- Comentários sobre as atividades

Representaram os personagens como haviam combinado anteriormente. Estavam descontraídos, se sentindo bem a vontade.

TURMA 6

1- Tipo de atividade

Aula 1

1.1- Descrição da atividade

- Apresentação do projeto;
- Projeção de Vídeo (Te vejo na TV);
- Escolha dos programas favoritos da turma;
- Descreveram no microfone como são os programas que gostam de assistir na TV;
- Cantaram no microfone.

1.2- Quem participou da atividade

- Crianças.
- Professora da Turma;
- Professoras Implementadoras;

1.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Uma professora implementadora apresentou o projeto e a outra filmou a aula toda. A professora da turma assistiu a apresentação sentada junto com as crianças. Ao longo da apresentação a professora implementadora fazia perguntas para as crianças, e elas respondiam. Cada criança falou os nomes dos programas que gostam de assistir na TV e depois descreveram no microfone como são esses programas. Para fechar a aula, as crianças cantaram no microfone.

1.4- Comentários sobre as atividades

As crianças só respondiam quando questionadas, não perguntavam, nem comentavam por iniciativa própria. Houve uma menina que escolheu novela como programa favorito e falou que assiste todo dia, pois a mãe dela gosta de ver e ela fica junto com a mãe. Teve o caso de uma outra menina que enquanto ela falava os programas dela favorito, a colega que estava sentada ao lado, começou a falar o nome de vários programas no ouvido dela, e ela começou a citar os programas que a colega estava lhe dizendo. Quando as crianças acabavam de falar no microfone as professoras implementadoras pediam para que a turma batesse palmas para o colega. Teve uma menina que quase não falou nada no microfone, respondia os questionamentos das professoras por gestos, quando ela acabou de falar e a professora implementadora pediu palmas, um menino questionou porque deviam bater palmas para ela já que ela não tinha falado “nada” no microfone. No momento que estavam cantando no microfone teve uma menina que queria fazer dupla com todos, pois ela não queria sair de perto do microfone.

2- Tipo de atividade

Aula 2

2.1- Descrição da atividade

- Escolha do programa que foi produzido;
- Criação do roteiro;
- Assistiram parte da gravação da última aula deles e o DVD da Xuxa

2.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma.
- Professoras Implementadoras;

2.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Uma professora implementadora conduziu a aula e a outra filmou. A professora da turma acompanhou e auxiliava as professoras implementadoras quando necessário. A escolha do programa e a criação do roteiro foram na sala de aula. Houve uma votação para escolher o programa a ser produzido. Decidiram fazer um programa no molde dos dvd's de músicas da Xuxa. Cada criança escolheu a música que quer cantar no programa. Depois foram para sala de mídias onde viram parte do vídeo da aula anterior e o DVD da Xuxa.

2.4- Comentários sobre as atividades

As crianças estavam quietas, quase não falavam. Aceitavam todas as propostas das professoras implementadoras. Ficaram bastante confusas e indecisas na hora da escolha da música que iriam cantar no programa.

3- Tipo de atividade

Aula 3

3.1- Descrição da atividade

- Caracterização com os acessórios e figurinos da sala de mídias;
- Ensaios do programa.

3.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma;

- Professoras Implementadoras.

3.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

Num primeiro momento uma criança de cada vez cantou no microfone a música que havia escolhido na aula anterior. Depois a professora implementadora sugeriu que elas experimentassem e explorassem os acessórios (fantasias) da sala de mídias. E novamente elas cantaram as músicas que elas escolheram para compor o programa. Para finalizar o ensaio as crianças cantaram e dançaram juntas, várias músicas.

3.4- Comentários sobre as atividades

Quanto cada criança acabava de cantar, a turma toda batia palma e eles adoravam. Algumas até ficaram um pouco tímidas. Em algumas músicas enquanto uma das crianças cantava no microfone as outras ajudavam super animadas. A maioria das crianças apenas cantavam, não dançavam quando estavam com o microfone na mão. Uma menina ficou muito envergonhada, cantavam baixinho e balançava de leve o corpo de um lado para o outro. A professora implementadora incentivou as crianças a dançarem. Quando a professora implementadora colocou funk para elas dançarem, foi o momento em que realmente se empolgaram. Sabiam cantar a letra, dançavam com muita animação. Depois a professora implementadora sugeria a elas algumas atividades, como por exemplo dançarem juntas, cantarem alto, e elas executavam bastante empolgadas. A professora da turma acompanhou toda a atividade, auxiliando quando necessário. Quando eles se caracterizaram um dos meninos da turma estava querendo vestir os acessórios que uma das meninas estava usando, na primeira oportunidade que ele teve, ele vestiu os acessórios que estavam com a colega. Nesse momento a atitude dele na atividade mudou, ele ficou feliz, dançava, cantava, bem diferente do modo como estava se comportando antes, sentando quieto, não dançava, quando foi ao microfone cantar, ficou sentando, cantando baixo, sem animação. As professoras ficaram um pouco sem jeito e sem saber o que fazer diante desta situação, um menino vestido de rosa, com peruca rosa, Poá rosa, óculos rosa.

4- Tipo de atividade

Aula 4

4.1- Descrição da atividade

- Gravação das cenas do programa;
- Gravação da abertura do programa.

4.2- Quem participou da atividade

- Crianças;
- Professora da turma;
- Professoras Implementadoras.

4.3- Como foi o desenvolvimento das atividades

As cenas do programa foram gravadas uma parte na sala de brinquedos e outra parte na sala de mídias. Na sala de brinquedos apenas uma criança cantou enquanto as outras dançavam ao redor dela. Já na sala de mídia uma criança de cada vez cantou no microfone a música que havia escolhido na aula onde elas produziram o roteiro.

4.4- Comentários sobre as atividades

A menina na sala de brinquedo que estava num palco improvisado ficou muito tímida. As crianças repetiram várias vezes a mesma música, quando novamente iam repetir uma delas gritou: "Ah não! De novo?!" A menina que estava ao microfone ficou mais a vontade quando desceu do palco e ficou junto com as outras crianças dançando e cantando. Já na sala de mídia as crianças demonstravam estar mais animadas mesmo sendo apenas uma de cada vez indo na frente para cantar e dançar. Quando apenas estavam dançando sem estarem com o microfone na mão, ficavam mais animadas e se soltavam mais. Uma menina adorou cantar e dançar sozinha, olhava para a câmera, fazia caras e bocas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: DÉBORA COLLARES DO NASCIMENTO

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Discursos de crianças em produções midiáticas em Escolas Públicas de Educação Infantil

ORIENTADOR(A): Guaracira Gouvêa

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Carmen Irene Correia de Oliveira

Nota : 8,0

Considerações:

O trabalho apresenta relevância no campo e indica, com propriedade, o fato de se tratar de uma pesquisa realmente voltada às práticas educativas e de aprendizagem. Alguns pontos, porém, necessitam de revisão: os objetivos não estão bem apresentados, pois se confundem com o do projeto maior no qual a pesquisa da orientada está inserido; necessita de revisão no ordenamento dos capítulos, e isso inclui, também, questões de normas; a descrição das atividades, por vezes, apresenta-se em um linguagem muito próxima à oralidade. Por fim, sugiro, a critério do orientador, mudança no título: Práticas culturais de crianças em produções midiáticas em Escolas Públicas de Educação Infantil.

DATA: 12/07/2011

Assinatura:

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: GUARACIRA GOUVÊA de Souza

Nota: 10,0

Considerações:

A estudante apresentou uma monografia que mostra detalhadamente o trabalho realizado, seja o trabalho teórico, seja o trabalho de campo. Considero que a estudante avançou muito na sua forma de escrever e de pesquisar.

Data: _____ Assinatura: _____

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,0	10,0	9,0

Rio de Janeiro, 15 de julho de 2011.
Guaracira Gouvêa de Souza
Prof. Orientador